



# O 7 de Setembro na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul

**FRANCISCO DAS NEVES ALVES**

**60**



UNIVERSIDADE  
**ABERTA**  
www.ua.pt  
Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais  
2020-2025





# O 7 de Setembro na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul



COLEÇÃO  
RIO-GRANDENSE



## CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

**Alvaro Santos Simões Junior**

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

**António Ventura**

- Universidade de Lisboa -

**Beatriz Weigert**

- Universidade de Évora -

**Carlos Alexandre Baumgarten**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

**Ernesto Rodrigues**

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Francisco Gonzalo Fernandez Suarez**

- Universidade de Santiago de Compostela -

**Francisco Topa**

- Universidade do Porto -

**Isabel Lousada**

- Universidade Nova de Lisboa -

**João Relvão Caetano**

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

**José Eduardo Franco**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

**Maria Aparecida Ribeiro**

- Universidade de Coimbra -

**Maria Eunice Moreira**

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

**Maria Cristina Firmino Santos**

- Universidade de Évora -

**Vania Pinheiro Chaves**

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -



Francisco das Neves Alves

# O 7 de Setembro na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**   
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025



**Biblioteca Rio-Grandense**

Lisboa / Rio Grande  
2022

## **DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO**

### **DIREÇÃO:**

José Eduardo Franco (Coord)  
Carla Oliveira  
Cécile Méadel  
Fabrice d'Almeida  
João Luís Cardoso  
José Ignacio Ruiz Rodríguez  
Valérie Dévillard  
Pierre-Antoine Fabre

### **COMISSÃO PEDAGÓGICA:**

João Relvão Caetano (Coord.)  
Darlinda Moreira  
Jeffrey Scoot Childs  
Rosa Sequeira  
Sandra Caeiro

### **ASSESSORIA EXECUTIVA:**

Cristiana Lucas (Coord.)  
José Bernardino  
Milene Alves  
Paula Carreira  
Susana Alves-Jesus

## **DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE**

**Presidente:** Francisco das Neves Alves  
**Vice-Presidente:** Pedro Alberto Távora Brasil  
**Diretor de Acervo:** Ronaldo Oliveira Gerundo  
**1º Secretário:** Luiz Henrique Torres  
**2º Secretário:** Marcelo França de Oliveira  
**1º Tesoureiro:** Valdir Barroco  
**2º Tesoureiro:** Mauro Nicola Póvoas

### **Ficha Técnica**

- Título: O 7 de Setembro na imprensa ilustrada e humorística do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 60
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Setembro de 2022

ISBN – 978-65-89557-58-6

**CAPA:** *Revista Ilustrada*, 12 set. 1885 e *O Diabrete*. Rio Grande, 7 set. 1879.

### **O autor:**

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.



## Apresentação

A incorporação de símbolos e representações se tornaria elemento constitutivo recorrente na construção de identidades para os Estados nacionais e, nesse quadro, as denominadas datas cívicas teriam marcante papel. Tais datas viriam a transformar-se em marcos comemorativos dos quais se derivava a realização de rituais para que a sociedade ficasse envolvida e participasse de maneira específica do processo de rememoração<sup>1</sup>. No caso do Brasil, tal fenômeno histórico também se faria presente e, ao longo do tempo, várias seriam essas datas estabelecidas no intuito de demarcar uma nacionalidade. Dentre elas, o 7 de Setembro tornou-se uma das mais significativas, trazendo em si a representação da própria fundação do Estado nacional brasileiro. A imprensa seria um dos mais importantes mecanismos de difusão dessas datas cívico-nacionais e o dia da independência se transformaria em um baluarte em tal contexto. Nos quadros do jornalismo brasileiro do século XIX, o gênero ilustrado e humorístico avultaria em relevância e nas páginas dessas folhas o 7 de Setembro também ganharia espaço, por vezes como uma homenagem, mas, em muitas outras, de acordo com o espírito crítico do periodismo caricato, serviria para

---

<sup>1</sup> BITTENCOURT, Circe. Introdução. In: BITTENCOURT, Circe (org.). *Dicionário de datas da História do Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 12.

apontar algumas das mazelas que afligiam a sociedade de então.

Ao apresentar uma versão humorada e caricatural das sociedades, a imprensa satírico-humorística de cunho ilustrado lançou seu olhar crítico, inclusive ao apontar aquilo que considerava como desvios sociais, chegando a trazer em seus desenhos e textos um aspecto moralizador. Era a prática do que os próprios periódicos definiam como um jornalismo jocosório, ou seja, colocando em prática a óptica do humor, mas sem deixar de, a partir da criticidade, também trazer uma abordagem séria. As folhas caricatas agiriam assim como uma espécie de bobo da corte – alegoria utilizada recorrentemente para representá-las –, ou seja, aquele que diz em tom duro as coisas agradáveis e em tom jocoso as terríveis<sup>2</sup>. Nesse quadro, o humor pode ser considerado como uma chave para compreender os códigos culturais e as percepções do passado<sup>3</sup> e, além disso, o humor e o riso também surgem como libertadores, lembrando a ação do bobo da corte, associada ao riso subversivo, o qual ridicularizava aqueles que estavam no poder e não diferia muito do riso revelado pelos senhores do desgoverno<sup>4</sup>. Entre o

---

<sup>2</sup> CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984. p. 120.

<sup>3</sup> BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. Prefácio. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 11.

<sup>4</sup> BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman. Introdução: humor e história. In: BREMMER, Jan & ROODENBURG, Herman (orgs.). *Uma história cultural do humor*. Rio de Janeiro: Record, 2000. p. 15 e 23.

## O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

enfoque patriótico e o crítico, as folhas ilustradas e humorísticas trouxeram suas repercussões caricaturais acerca da data alusiva à independência nacional e este estudo observa tais reações nas páginas da imprensa caricata do Rio de Janeiro e do Rio Grande do Sul nas últimas décadas do século XIX.





# SUMÁRIO

**A data dedicada à independência na imprensa  
ilustrada e humorística no Rio de Janeiro / 15**

**O 7 de Setembro e a imprensa caricata sul-rio-  
grandense / 71**



## **A data dedicada à independência na imprensa ilustrada e humorística no Rio de Janeiro**

O Rio de Janeiro, como sede da Corte, capital imperial e, mais tarde, republicana, tornou-se verdadeira caixa de ressonância quanto à cultura no Brasil, difundindo-se, a partir dele, os mais variados fundamentos socioculturais que se espalhavam pelo país. Dentre tais elementos constitutivos esteve o jornalismo, cujas práticas no âmbito carioca – que por sua vez respondia a padrões internacionais – se expandiam pelas mais importantes localidades brasileiras. Nesse contexto esteve a imprensa ilustrada e humorística, com um norte editorial crítico-opinativo, voltado à prática do humor, mas também de natureza joco-séria, com um aspecto moralizador da sociedade. Tais publicações, tanto no período imperial quanto no republicano, refletiram caricaturalmente a respeito da efeméride que cercava a data da proclamação da independência nacional, manifestando por vezes um olhar carregado de criticidade e, em outras, certo ufanismo patriótico<sup>5</sup>.

---

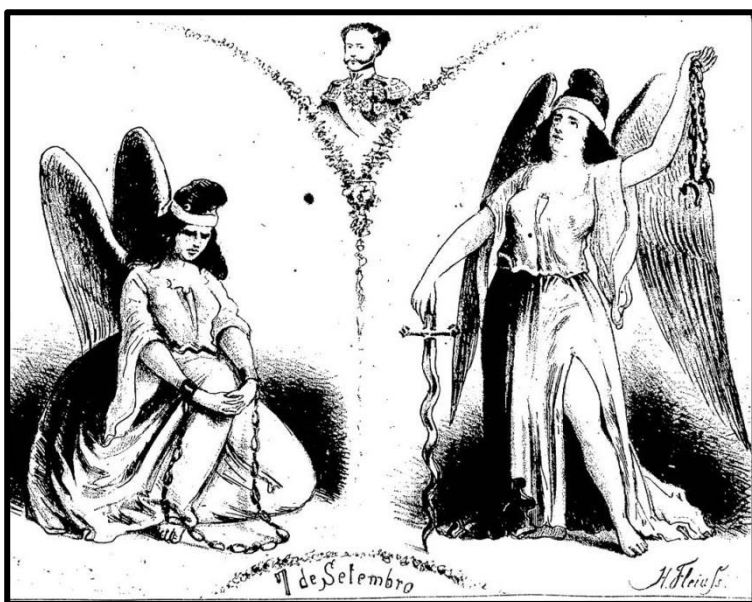
<sup>5</sup> Acerca de tal imprensa ilustrada e humorística dedicada à caricatura, observar: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. t. 80. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1917. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; LOBATO, Monteiro José Bento. *Ideias de Jéca Tatú*. São

Nesse sentido, *A Semana Ilustrada* mostrou gravura na qual, sob a égide de D. Pedro I, o proclamador da independência, apareciam duas figuras femininas, uma em posição passiva e acorrentada, ao passo que a outra rompia os grilhões, conquistando a sua liberdade, em alusão à data do 7 de Setembro estampada na figura. Em outra ilustração, a revista apresentava a figura indígena – tradicional representação da nacionalidade e mesmo do povo brasileiro, mormente à época imperial – que assumia um protagonismo no cenário, ao aparecer no alto de uma coluna que homenageava: “Ao glorioso dia da independência do Brasil”. Enquanto isso, no solo, havia o inusitado encontro entre o pai e o filho, ou seja, D. Pedro I e D. Pedro II, com a legenda que explicava que “o monumento levantado pelo primeiro é conservado pelo segundo”, ao mesmo tempo em que conclamava: “Mantenhamos a independência da pátria, sem partidos nem ódios” (A SEMANA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 7 set. 1862 e 8 set. 1867).

---

Paulo: Brasiliense, 1946.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições, 2012.; SINZIG, Pedro. *A caricatura na imprensa brasileira: contribuição para um estudo histórico-social*. Petrópolis: Vozes, 1911.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976.

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

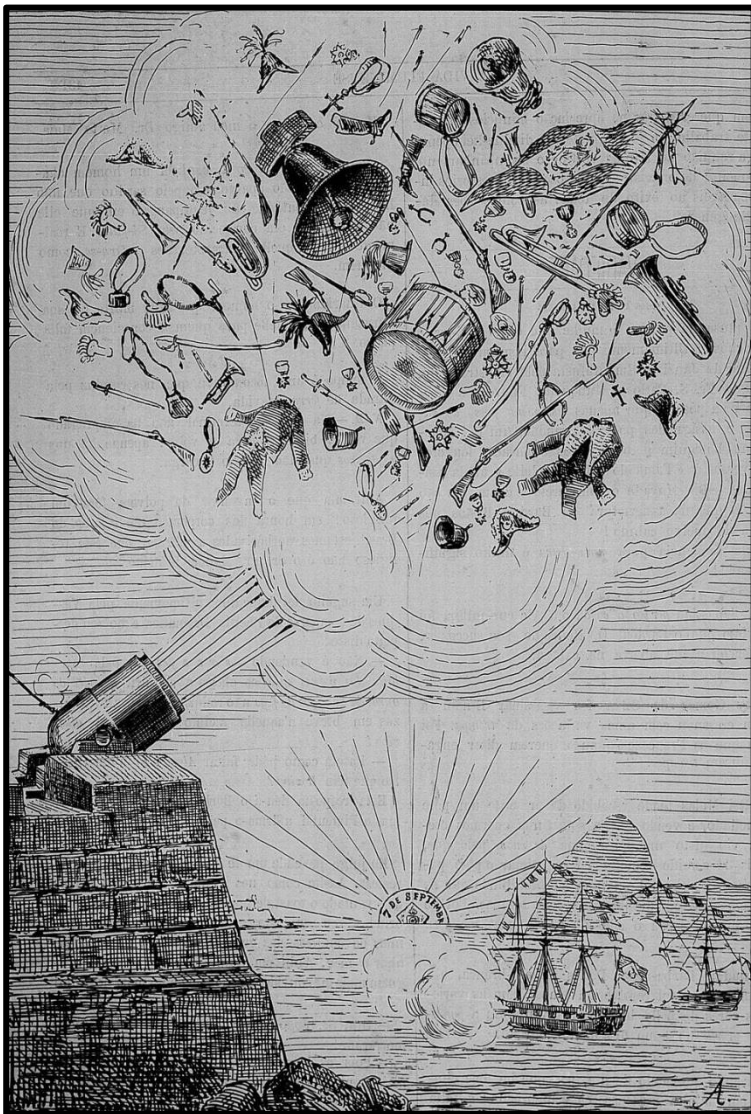




Em pleno ambiente marcado pelo enfrentamento bélico contra o Paraguai, *A Vida Fluminense* apresentava um 7 de Setembro no qual explodiam no ar armas, uniformes, elmos, chapéus, instrumentos de banda e medalhas – em alusão à vida militar –, ao passo que a

## O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

esquadra brasileira rumava para a guerra, enquanto o sol anunciava a “aurora do dia 7 de Setembro”. Em outra página celebrativa, o periódico mostrava a indígena, como representação da nacionalidade brasileira, portando a bandeira da “independência” e buscando inspirar Pedro I e José Bonifácio para que emancipassem um índio ainda criança, o qual aparecia com uma corrente ao pescoço, fazendo referência à necessidade do ato independentista para que o Brasil pudesse “um dia tornar-se a primeira entre as suas irmãs da América do Sul” (A VIDA FLUMINENSE. Rio de Janeiro, 5 set. 1868 e 7 set. 1872).





O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



Uma homenagem e uma apreciação crítica foram realizadas por *O Mosquito*, ao trazer em sua primeira página o retrato de José Bonifácio de Andrada, considerado o patrono da independência do Brasil e, em outra edição, surgia um indígena que ocupava o lugar de D. Pedro I na estátua equestre erguida no Rio de Janeiro, em homenagem ao primeiro imperador, a qual era identificada como “monumento do futuro”, trazendo o questionamento de que se “o dia da independência política” estava sendo comemorado, quando viria a ocorrer “o dia da independência religiosa”. Na mão, o índio trazia um papel com a exigência da separação da Igreja do Estado (O MOSQUITO. Rio de Janeiro, 7 set. 1872 e 6 set. 1873).

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

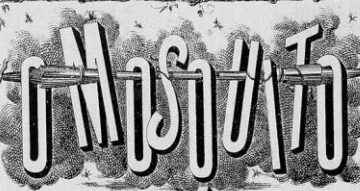
ANNO 4.º
Rio de Janeiro 7 de Setembro de 1872
Nº 156

**CORTE**

Anno..... 16\$000

Semestre..... 8\$000

Trimestre..... 5\$000



**PROVINCIAS**

Anno..... 20\$000

Semestre..... 11\$000


Trimestre..... 6\$000

REDACÇÃO 76 RUA DOS OURIVES 2º ANDAR

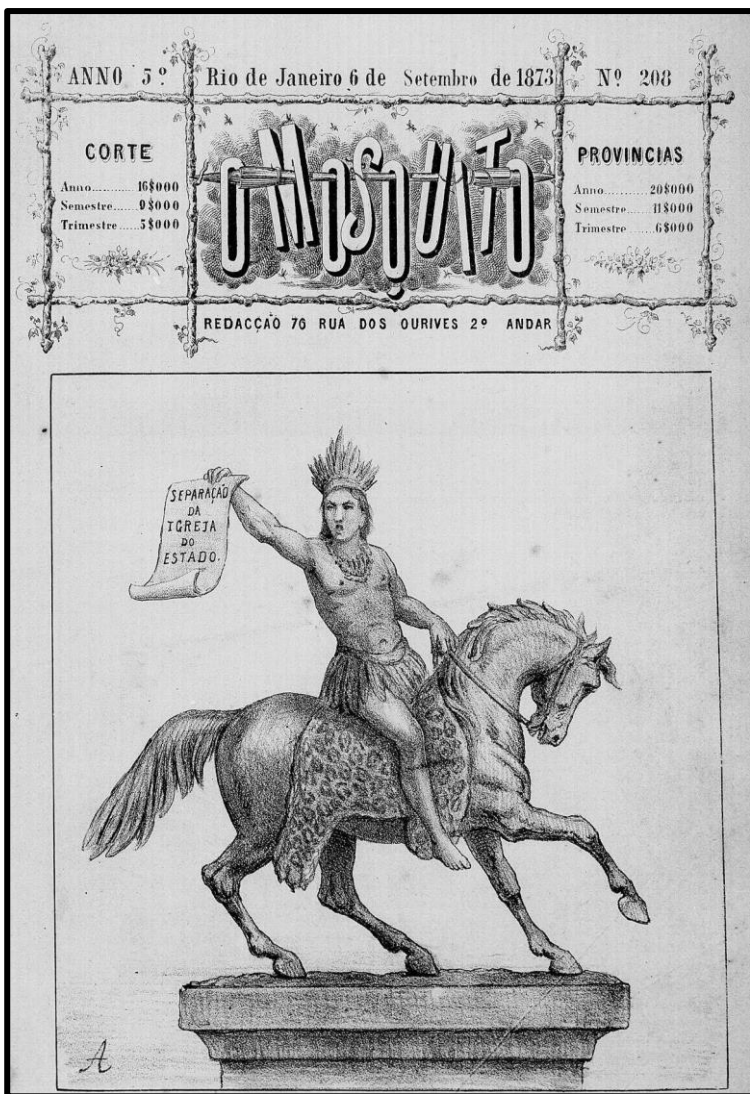
BIBLIOTHECA NACIONAL E PUBLICA

—DO—

RIO DE JANEIRO

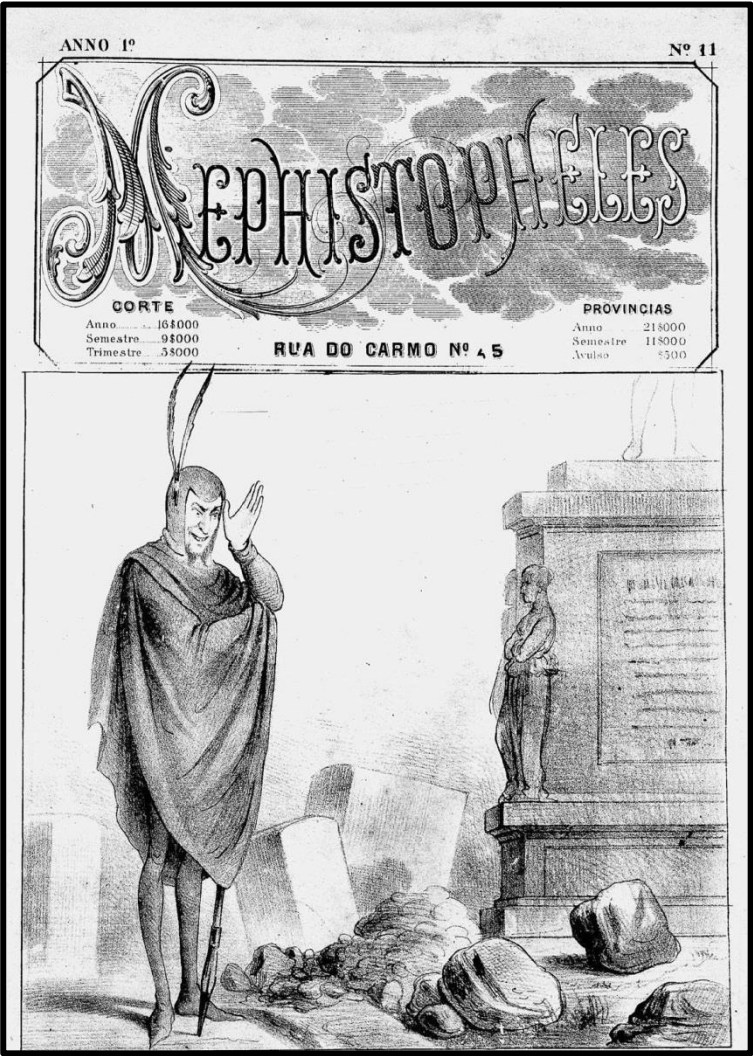


JOSÉ BONIFÁCIO DE ANDRADA



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

Associando a data da emancipação política brasileira com um olhar crítico acerca de precariedades na estrutura urbana da capital do Império, o *Mefistófeles* trazia a imagem do próprio personagem que dava título ao periódico observando a destruição em torno do monumento que homenageava José Bonifácio, vindo a tecer o seguinte comentário: “Que porcaria senhores, a que se acha reduzido este largo! Pobre patriarca da independência! Como tratam a estátua desse grande homem! Tudo torto, mais do que torta, aleijada! Vereadores ineptos, deixai esse cargo, de que não sois dignos! O povo vos saudará com júbilo!”. Por ocasião de outro 7 de Setembro, a publicação ilustrada e humorística mostrava que políticos e clérigos estariam levando o país por uma trajetória inversa à do progresso, no que eram interpelados por um indígena que pretendia inverter tal situação, vindo a afirmar: “Decididamente estes pigmeus não me querem deixar dar um passo no caminho do progresso; mas eu sou tão grande que hei de avançar assim mesmo” (MEFISTÓFELES. Rio de Janeiro, 5 set. 1874 e 11 set. 1875).



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

ANNO 2º Nº 65

# Mephistopheles

**CORTE**

Anno ..... 16\$000  
 Semestre ..... 9\$000  
 Trimestre ..... 3\$000

**PROVINCIAS**

Anno ..... 20\$000  
 Semestre ..... 11\$000  
 Anúncio ..... \$500

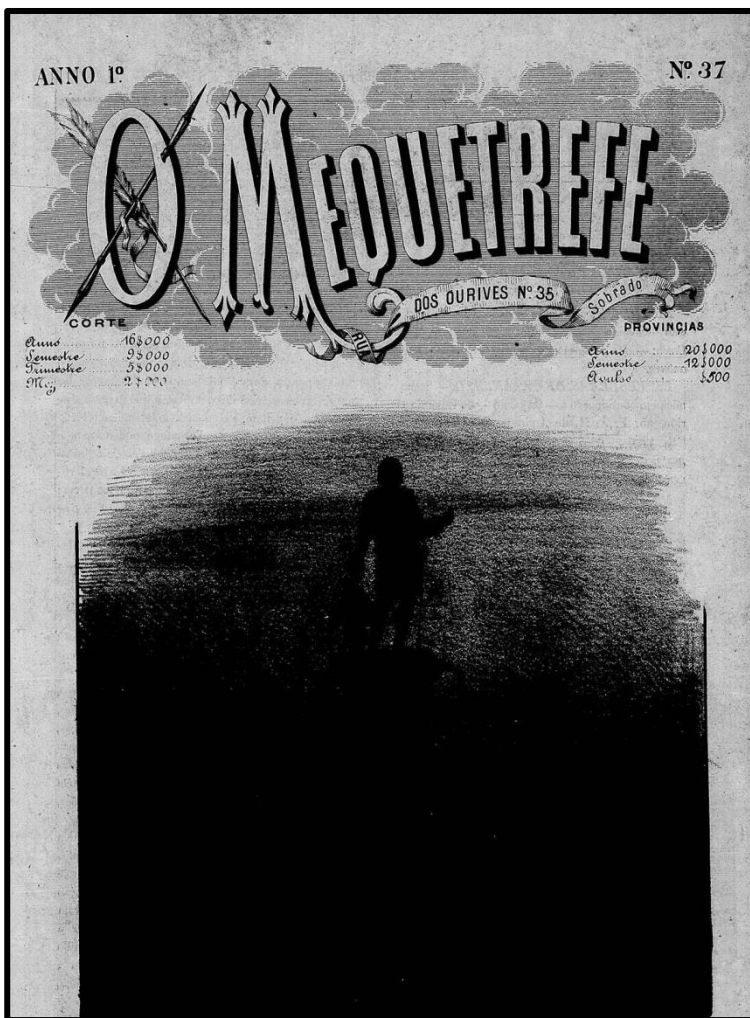
RUA NOVA DO OUVIDOR Nº 19.

Uma perspectiva crítica e antimonárquica marcava as manifestações do dia da independência de *O Mequetrefe*. O abandono das autoridades públicas municipais era denunciado em desenho que mostrava a estátua de José Bonifácio sem qualquer iluminação, ainda que se tratasse daquela data alusiva. Em outra edição, o periódico apresentava a figura alada de um indígena, fazendo as vezes da população brasileira, que se inspirava nos ideais da Inconfidência Mineira e, diante da família imperial, manifestava um pensamento de oposição à Monarquia: “Pensaram fazer livre o Brasil, porém, à vontade do povo se opõe o maior estelionato político de que há notícia na história dos países livres”. Sob o título “Antropofagia ministerial”, a publicação trazia os políticos a literalmente devorar o “índio/Brasil”, denominado de “pobre diabo”, que estaria a ser comido por aqueles “selvagens”. Ainda nesta edição, o indígena que representava o Brasil surgia agrilhado a uma coluna, cuja coroa designava a Monarquia, ilustração acompanhada pela irônica legenda: “A independência brasileira. Foguetes, música e viva a pândega. Isto é que é independência... está na razão do entusiasmo... pátrio”. Em uma nova referência ao monumento de D. Pedro I, na arte estatutária as figuras indígenas fugiam espavoridas, à medida que o personagem central era substituído por uma garrafa e um pote de moedas, em alusão aos custos da independência. No mesmo número a estátua equestre voltava a aparecer, em gravura na qual Pedro I descia do cavalo e enfrentava os políticos, enquanto o povo – na forma de cordeiros, em referência ao conformismo e passividade – observava estupefato (O MEQUETREFE).



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

Rio de Janeiro, 9 set. 1875; 12 set. 1876; 7 set. 1877; e 10  
set. 1879).



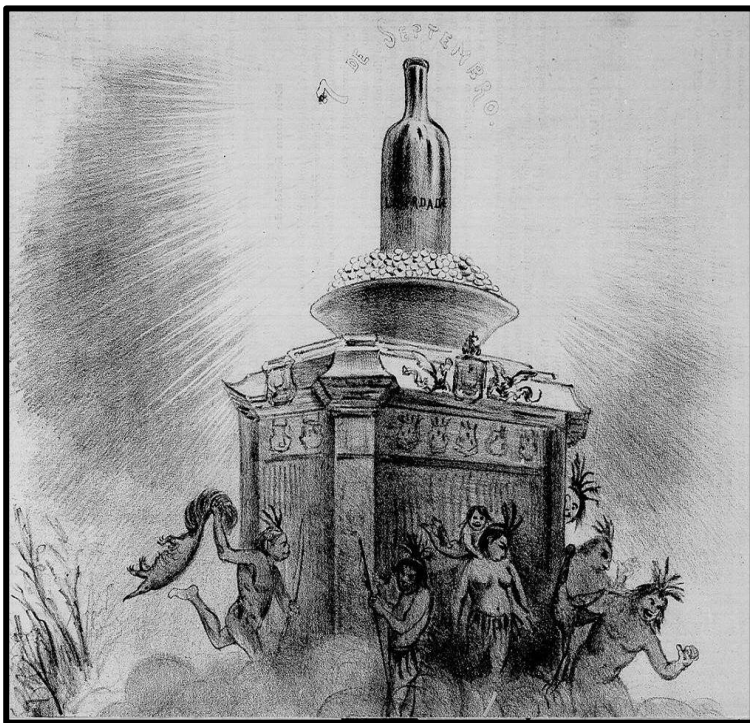


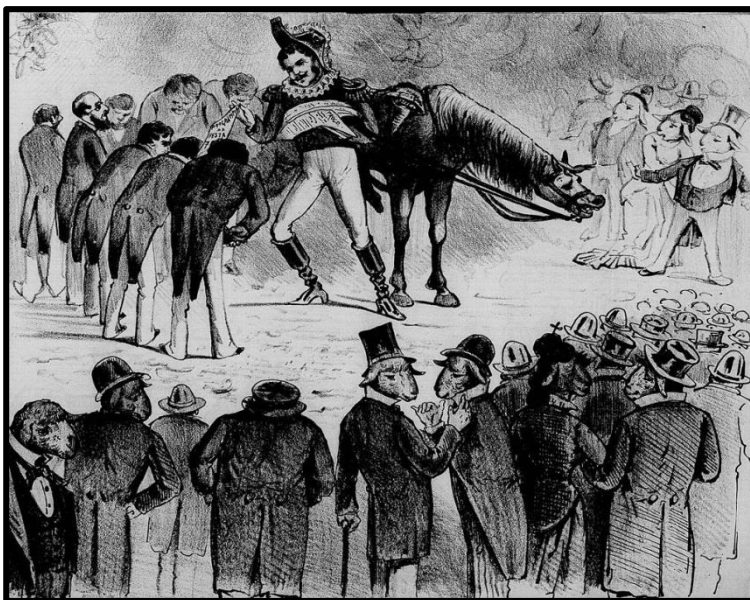
O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL





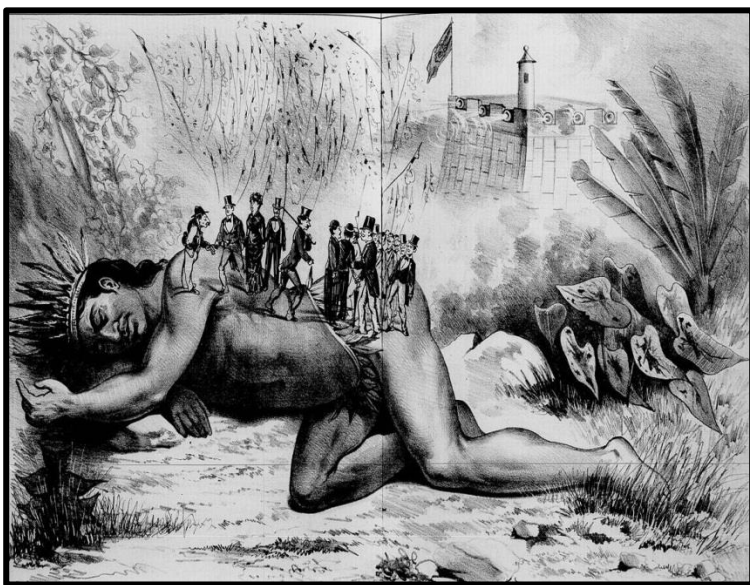
O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL





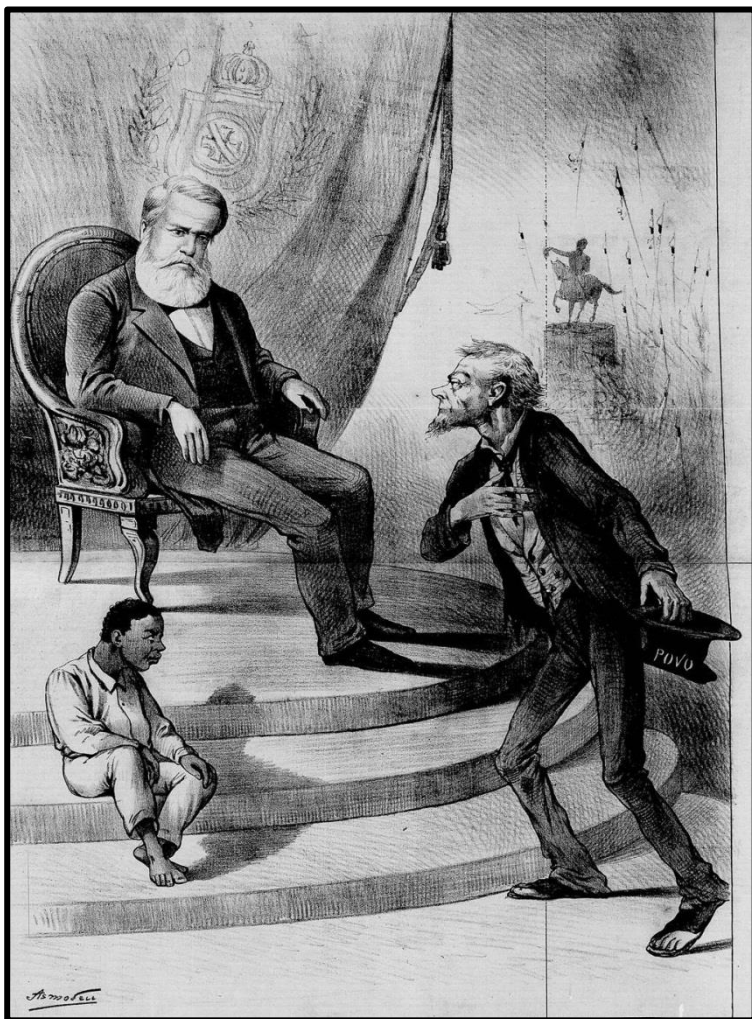
Ainda em relação ao 7 de Setembro, *O Mequetrefe* trouxe a figura do indígena, em tamanho agigantado, dormindo em sono profundo, sem se acordar, apesar do barulho do foguetório e dos tiros de canhões alusivos à data, e mesmo com um conjunto de pessoas que perambulavam sobre o seu corpo. A legenda explicava a situação: “Por mais que estrijam no ar as girândolas, estourem as bombas, as peças façam explosão em torno do gigante e a *brava gente* passeie-lhe pelo dorso, ele dorme profundamente. Quando quererá acordar?”. Uma outra cena apresentava a bandeira imperial ao fundo, com D. Pedro II sentado ao trono e tendo ao longe a imagem do monumento em homenagem ao primeiro imperador. Ainda compunha a gravura a presença de

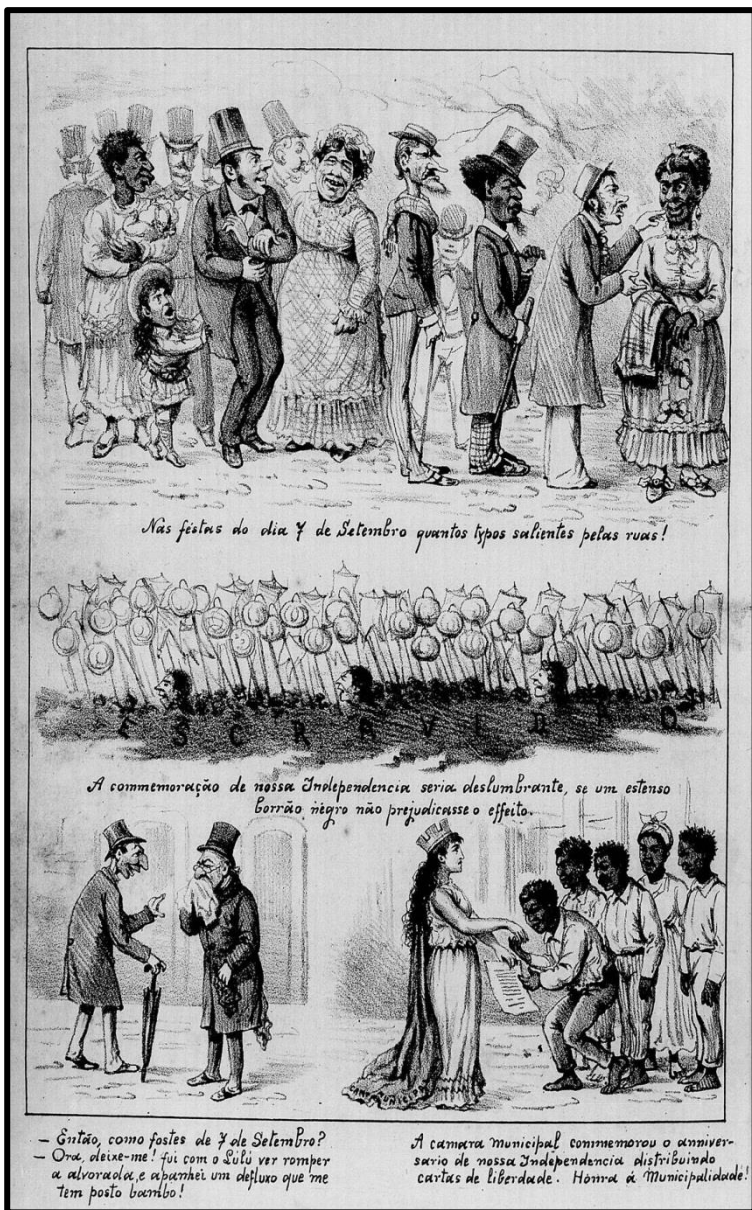
um escravo, em alusão à manutenção do regime escravista e de um homem que representava o povo e que estaria sendo recebido pelo soberano e passava-lhe uma mensagem carregada de ironia, ao afirmar que cumpria o seu “dever”, naquele “momento solene”, no qual estourava “o foguetório em regozijo ao aniversário da independência” de dizer que o governante deveria acreditar que tinha “um povo verdadeiramente feliz”. Em outra ocasião, o periódico optou por realizar a crítica social e de costumes, oferecendo um conjunto caricatural que tinha por pano de fundo o dia da independência, criticando certos comportamentos e não deixando de lado a visão negativa para com a escravidão. Já em outra data alusiva à emancipação, o índio/Brasil, bem em frente ao monumento a D. Pedro I, surgia como alvo de uma mangueira de água, ao passo que a folha reclamava ao que estaria reduzido o “patriótico 7 de Setembro”, uma vez “entregue à iniciativa oficial”. A figura que representava a redação do *Mequetrefe* buscava mostrar à princesa Isabel o quadro que simbolizava “o triste estado do Império”, com o índio sendo torturado por uma ave de rapina, em referência a um político metamorfoseado em “negro voraz abutre”. A crise da Monarquia era referenciada em caricatura na qual D. Pedro II observava a cena em que era regada uma frondosa árvore cujas folhas lembravam os nomes de diversos líderes republicanos, aparecendo ao fundo o sol, contendo a expressão “liberdade” e trazendo a imagem estilizada de um barrete frígio, o símbolo do republicanismo (O MEQUETREFE. Rio de Janeiro, 10 set. 1882; 10 set. 1883; 10 set. 1885; 10 set. 1886; 15 set. 1887 e set. 1888).



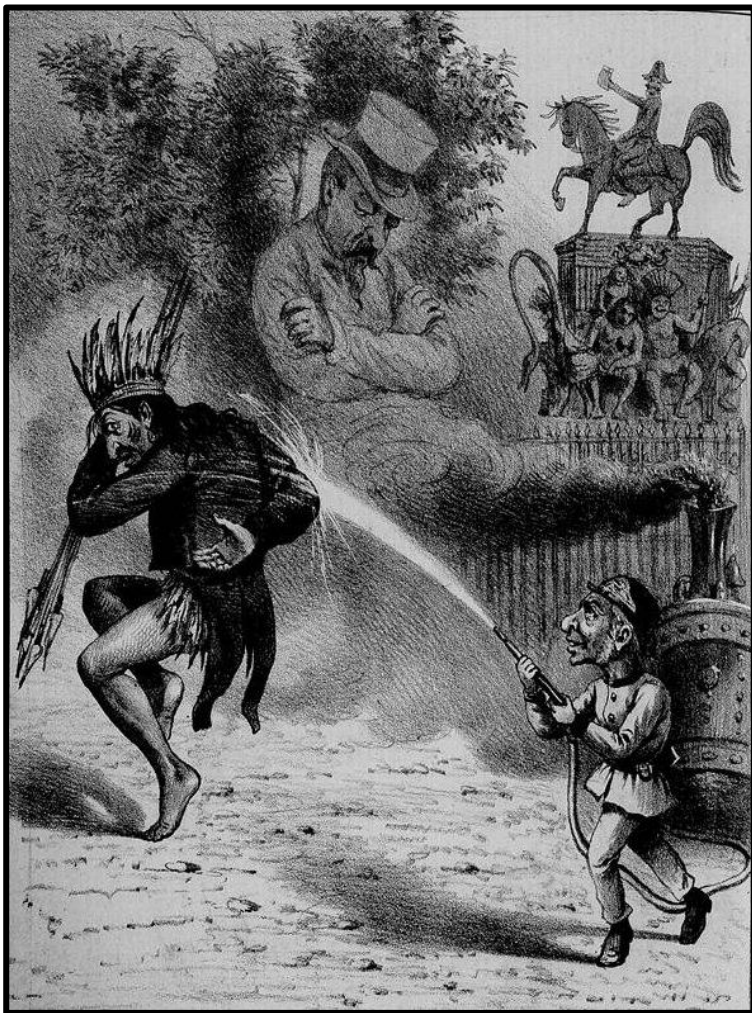


O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



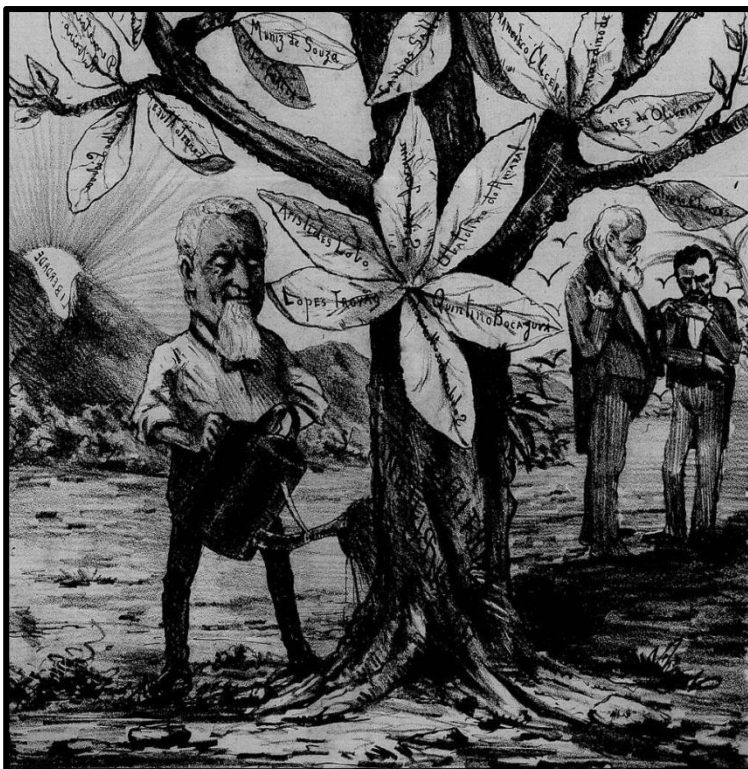


O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL





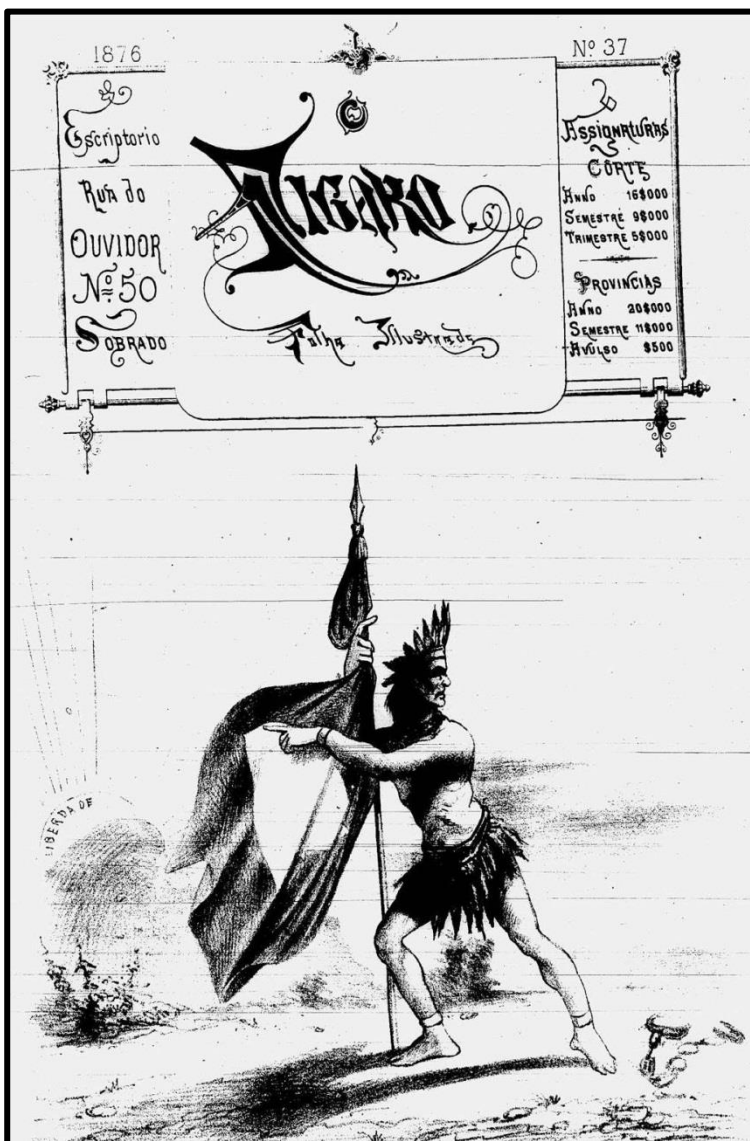
O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

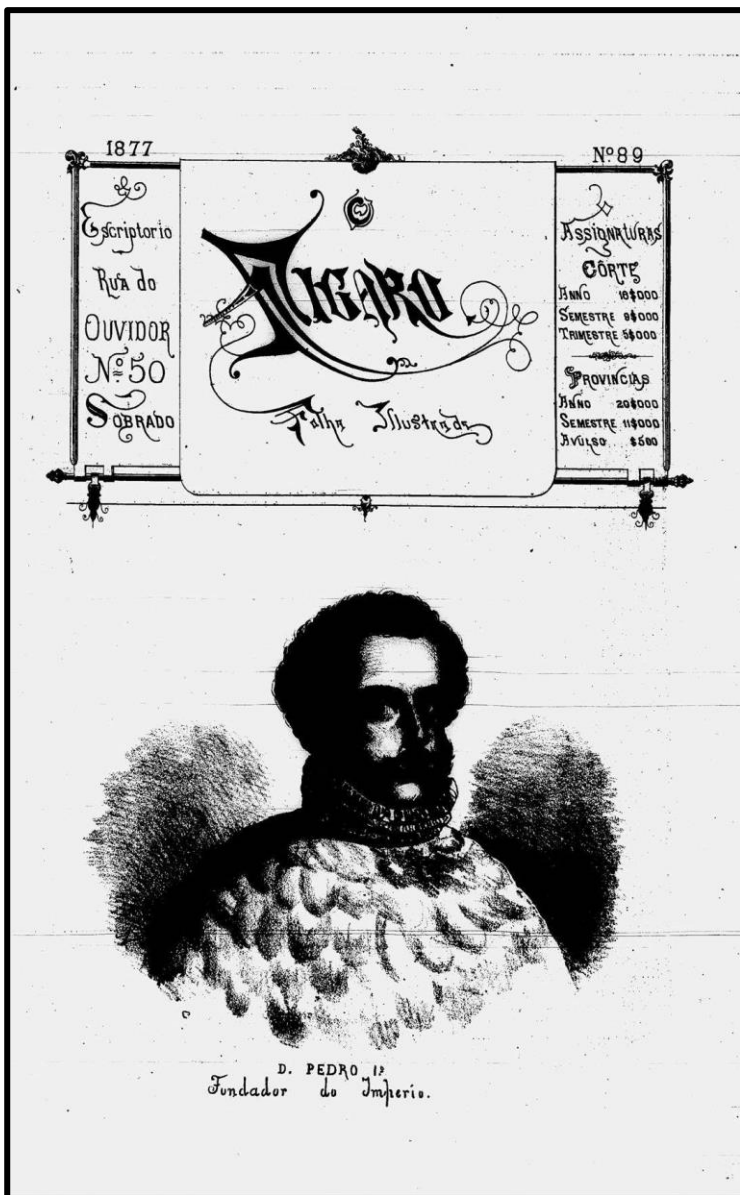


Outra folha ilustrada carioca, *O Fígaro*, teve por opção diante do 7 de Setembro uma abordagem mais vinculada à saudação de cunho patriótico. Em uma dessas manifestações trazia o Brasil/índio, com o estandarte nacional em uma das mãos, enquanto com a outra indicava o caminho da liberdade, representado pela figura solar. O tom permanecia o mesmo ao estampar a efígie de D. Pedro I, identificado como o

“fundador do Império”, bem como uma figura feminina alada, em menção à deusa/liberdade, que pairava no ar, tendo ao fundo o monumento equestre que homenageava o primeiro imperador. Segundo o periódico, naquele momento “retumba de novo nas terras de Santa Cruz o grito do Ipiranga” e, diante de tal “brado glorioso”, estaria a despertar “um povo inteiro para saudar a sua independência” (O FÍGARO. Rio de Janeiro, 9 set. 1876 e 8 set. 1877).

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL







O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



Uma das mais importantes publicações ilustradas e humorísticas editadas no Rio de Janeiro foi a *Revista*

*Ilustrada*, periódico que exerceu uma influência indelével no jornalismo dedicado à difusão da arte caricatural no país inteiro. Defensora de um ideário republicano e abolicionista, tal revista, que circulou entre os anos 1870 e 1890, desenvolveu um olhar profundamente crítico para com as estruturas monárquicas. Nesse sentido, não poupou esforços no sentido de defender transformações no status quo nacional, construindo textos e material iconográfico extremamente combativos ao regime<sup>6</sup>.

De acordo com tal perspectiva, o 7 de Setembro consecutivamente surgia como uma oportunidade para aflorar o espírito crítico da publicação. Nas páginas da *Revista Ilustrada*, como só a caricatura poderia permitir, as estátuas ganhavam vida e se manifestavam, como foi o caso daquela dedicada a José Bonifácio, que, enraivecida, se mostrava em plena discordância com os rumos que vinham seguindo as comemorações daquela data. Segundo a folha, os “festejos da independência” haviam se transformado em um “grande sarilho”, no qual, “o patriarca Bonifácio, perdendo a paciência, esteve quase disposto a reagir contra os turbulentos”.

---

<sup>6</sup> Especificamente sobre a *Revista Ilustrada*, ver: BALABAN, Marcelo. *Poeta do lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864-1888)*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.; COSTA, Carlos. *A revista no Brasil do século XIX: a história da formação das publicações, do leitor e da identidade do brasileiro*. São Paulo: Alameda, 2012.; MARINGONI, Gilberto. *Angelo Agostini: a imprensa ilustrada da Corte à Capital Federal, 1864-1910*. São Paulo: Devir Livraria, 2011.; e SANT’ANNA, Benedita de Cássia Lima. *D’O Brasil Ilustrado (1855-1856) à Revista Ilustrada (1876-1898): trajetória da imprensa periódica literária ilustrada fluminense*. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

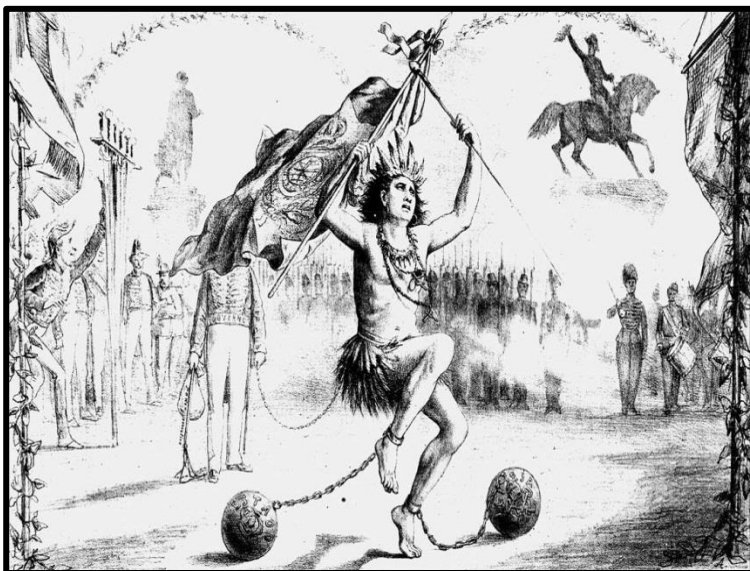
Em outra gravura, estando ao fundo as estátuas que homenageavam José Bonifácio e Pedro I, apareciam as celebrações oficiais, enquanto, ao centro, o Brasil/índio também tentava comemorar, mas era limitado pelas correntes e bolas de ferro a que estava agrilhado, as quais eram identificadas com a ação da Igreja e do Estado imperial. Os dois monumentos voltavam a figurar nas representações caricaturais, tendo sido acrescida uma aureola à imagem de Andrada e Silva, o que teria despertado a estupefação do primeiro imperador, ao estranhar um “Bonifácio com resplendor”, admirando-se ao ver o seu “ministro canonizado”. O periódico também menosprezou as ações das denominadas ironicamente “patrióticas comissões dos festejos”, por fazerem “coretos nas montanhas” e “arcos caricatos de papelão” (REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 9 set. 1876; 8 set. 1877 e 15 set. 1877).

Anno 1 Rio de Janeiro, 9 de Setembro de 1876. N.º 34

# REVISTA ILUSTRADA

CORTE		PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas a Rua da Assembleia, 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada.	PROVINCIAS	
Anno	R\$ 3.000		Anno	20\$000
Semestre	9\$ 000	Semestre	11\$ 000	
Trimestre	5\$ 000	Avulso	\$ 500	

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL


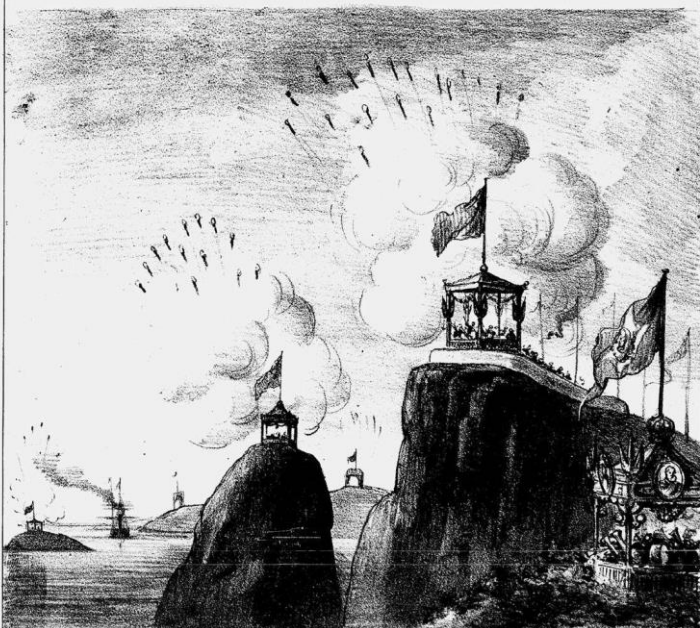


Anno 2 Rio de Janeiro, 8 de Setembro de 1877. Nº 81

# REVISTA ILUSTRADA

CORTE	PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI	PROVINCIAS
Anno 16 \$ 000	A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas	Anno 20 \$ 000
Semestre 9 \$ 000	a Rua da Assembleia, 44 officina Lithographica da Revista Illustrada	Semestre 11 \$ 000
Trimestre 5 \$ 000		Anual 5 \$ 000

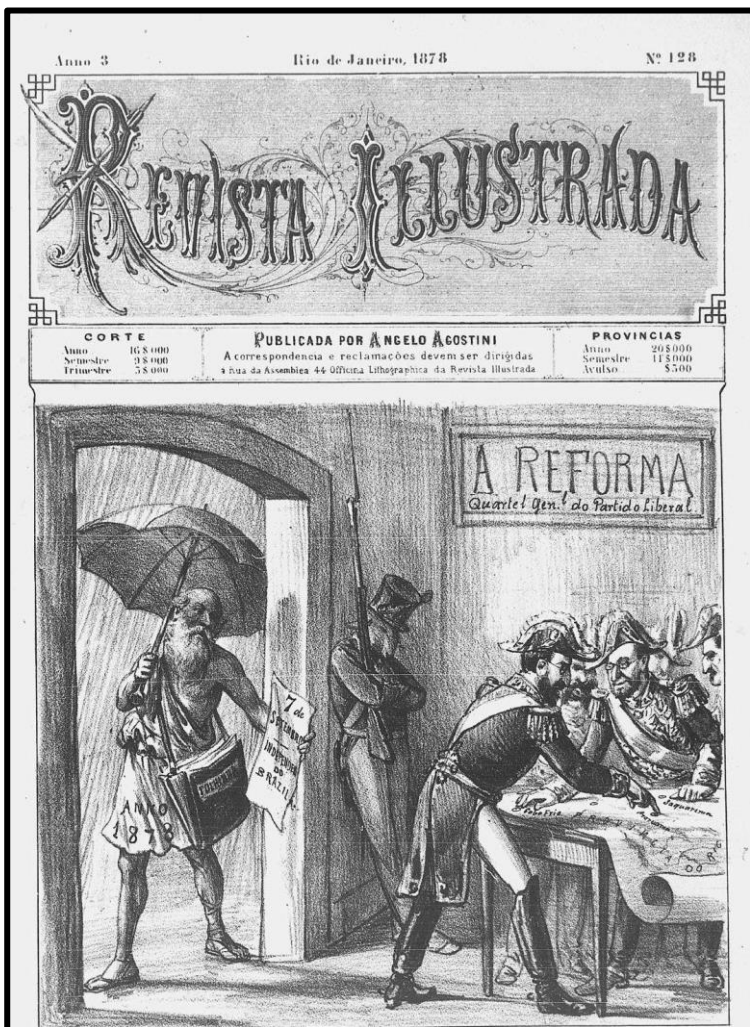
O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

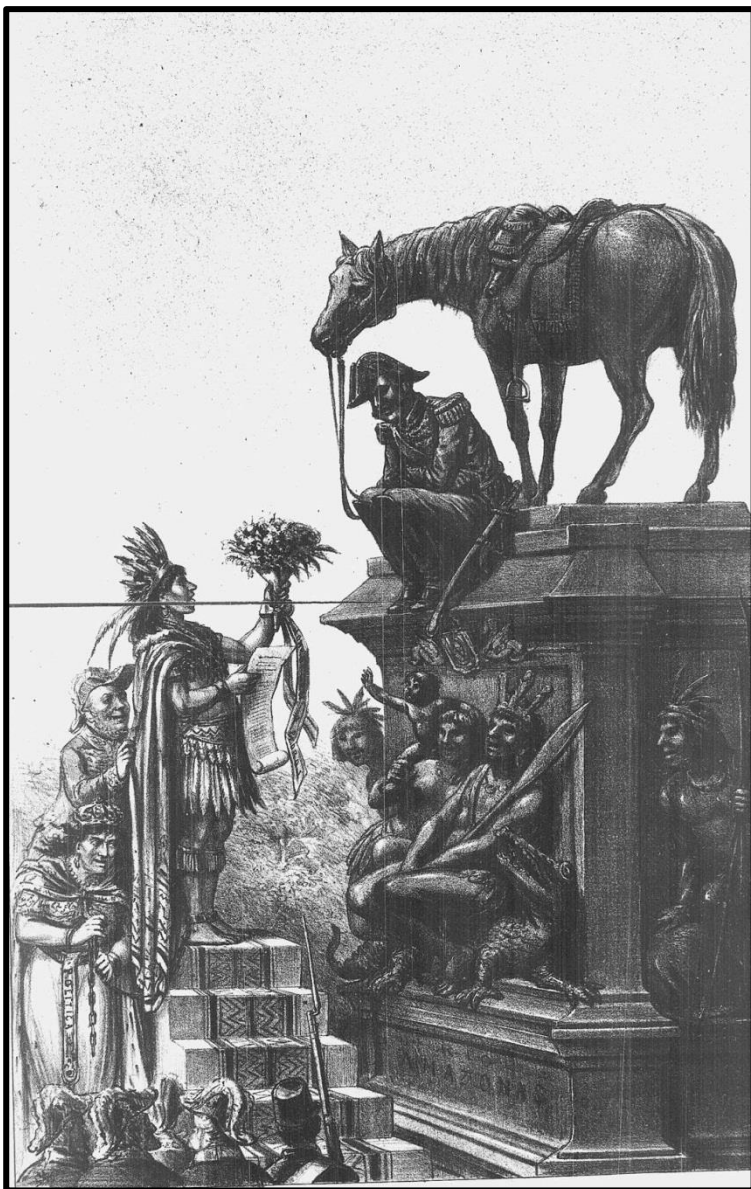
Anno 2	Rio de Janeiro, 15 de Setembro de 1877	Nº 82												
														
<p><b>CORTE</b></p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td>Anno</td> <td>R\$ 3.000</td> </tr> <tr> <td>Semestre</td> <td>1.500</td> </tr> <tr> <td>Trimestre</td> <td>750</td> </tr> </table>	Anno	R\$ 3.000	Semestre	1.500	Trimestre	750	<p><b>PUBLICADA POR ANGELO AGOSTINI</b></p> <p>A correspondencia e reclamações devem ser dirigidas a Rua da Assembleia 44 Officina Lithographica da Revista Illustrada</p>	<p><b>PROVINCIAS</b></p> <table style="width: 100%;"> <tr> <td>Anno</td> <td>20\$ 000</td> </tr> <tr> <td>Semestre</td> <td>11\$ 000</td> </tr> <tr> <td>Anual</td> <td>5\$ 000</td> </tr> </table>	Anno	20\$ 000	Semestre	11\$ 000	Anual	5\$ 000
Anno	R\$ 3.000													
Semestre	1.500													
Trimestre	750													
Anno	20\$ 000													
Semestre	11\$ 000													
Anual	5\$ 000													
														

A *Revista Ilustrada* buscava denunciar a indiferença dos políticos para com a data nacional, ao mostrá-los preocupados com os resultados eleitorais e desprezando a figura que representava a passagem dos anos e que anunciava o 7 de Setembro. Em uma nova presença da figura estatutária de Pedro I, que descia de sua montaria para receber o índio/Brasil, o qual se preparava para proferir um discurso em homenagem ao imperador. Este, entretanto, interrompia a manifestação e perguntava como o país se encontrava com a independência, diante do que o indígena, forçado por um ministro e pela política monárquica que lhe mantinha acorrentado, limitava-se a dizer que passava bem. Perante a situação, o periódico concluía: “Coitado! Julga-se independente, e está mais escravizado do que nunca ao poder mais funesto que impera no Brasil”. Também foram representadas as solenidades no Paço, com o imperador recebendo “o ministério competentemente fardado e dourado”, mas cujos integrantes acabavam por ver-se surpreendidos diante de um “espelho da independência de ideias políticas”, apontado como “um terrível espelho”, o qual tornava “as fardas algum tanto pesadas”, uma vez que revelava os discursos favoráveis às causas abolicionista e republicana, que colocavam em xeque as estruturas imperiais (REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 7 set. 1878).

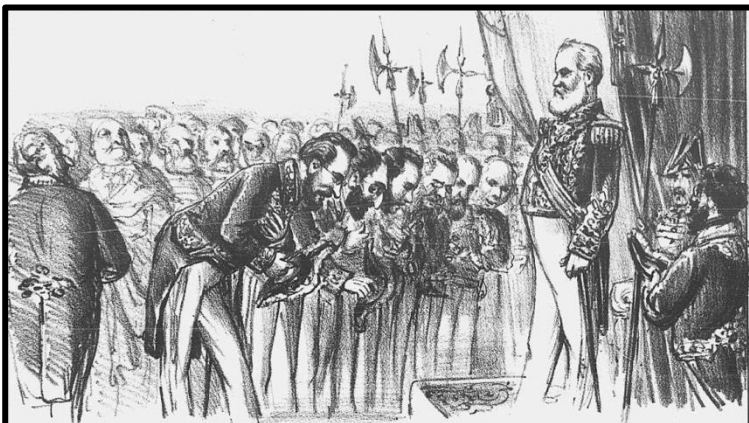


O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

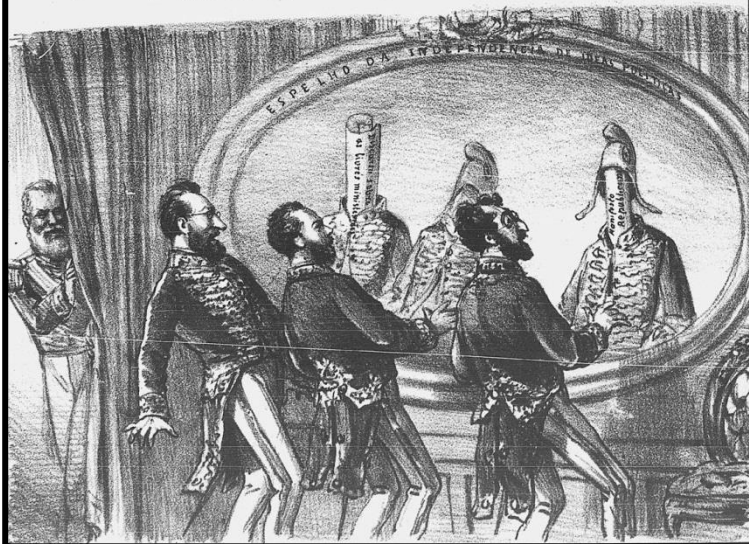




O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

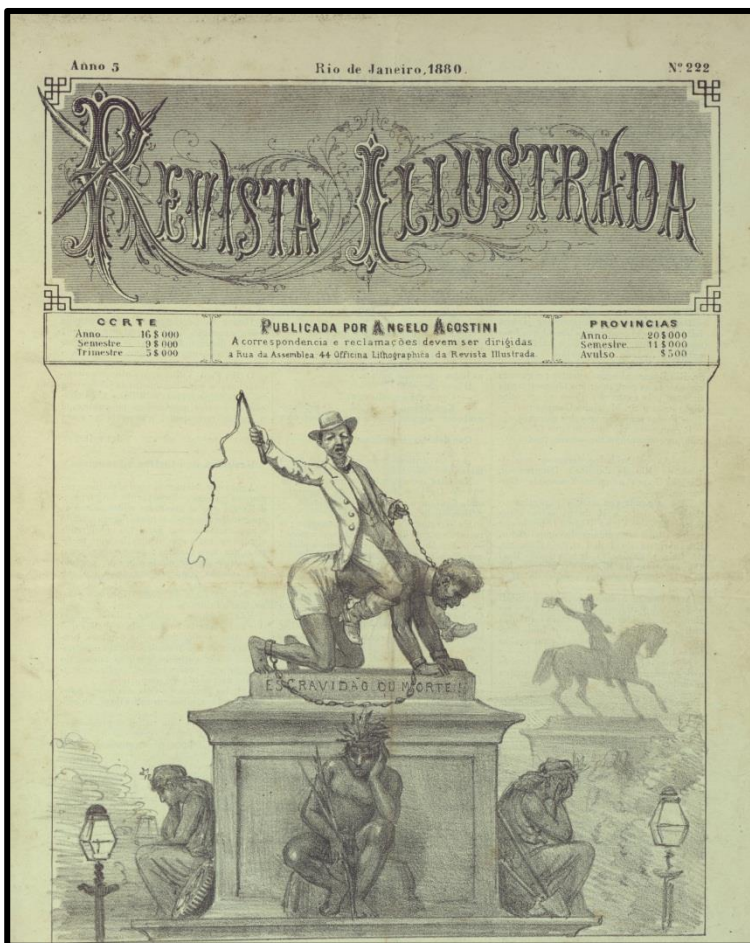


O ministério competentemente fardado e olorado.



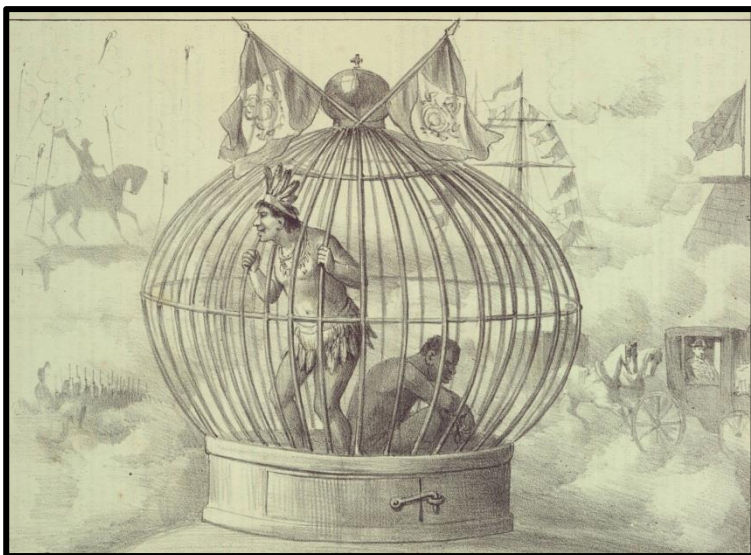
A questão da escravidão vinha à baila em mais uma manifestação do periódico caricato, ao inspirar-se novamente na estátua de Pedro I, que era metamorfoseada, sendo colocado em lugar do imperador, um escravagista que açoitava e agrilhoava um escravo, que também lhe servia de montaria. Tratava-se de um “projeto de estátua equestre”, de “iniciativa dos ilustres fazendeiros de cebolas”, cujas ações em prol da escravidão estariam levando à edificação daquele “monumento das nossas glórias”, como concluía ironicamente. Em outra caricatura que mantinha o cenário daquela arte monumental, trazia tanto Pedro I quanto as figuras indígenas que compunham a criação estatuária, todos espavoridos diante do amplo foguetório promovido pela “brava gente” que organizara as comemorações. Trazendo mais uma vez cenas das festividades, o periódico intentava demonstrar os limites do processo emancipacionista brasileiro, ao mostrar o índio/Brasil acompanhado de um escravo, ambos presos atrás das grades de uma gaiola. Com argúcia, a publicação caricata constatava: “O país, que não vê festejar o dia 7 de Setembro senão pelo canhão e foguetório oficial, começa a compreender que a sua independência só se traduz em fumaça, em muita fumaça”(REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 4 set. 1880 e 10 set. 1881).

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL







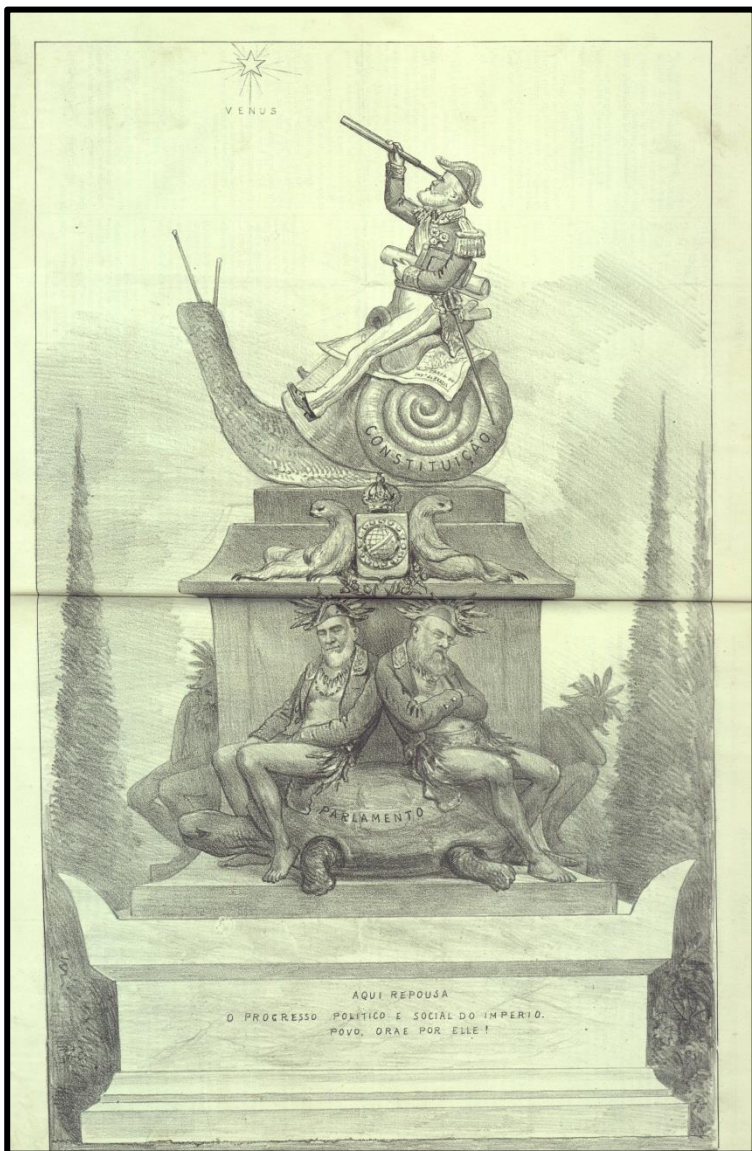


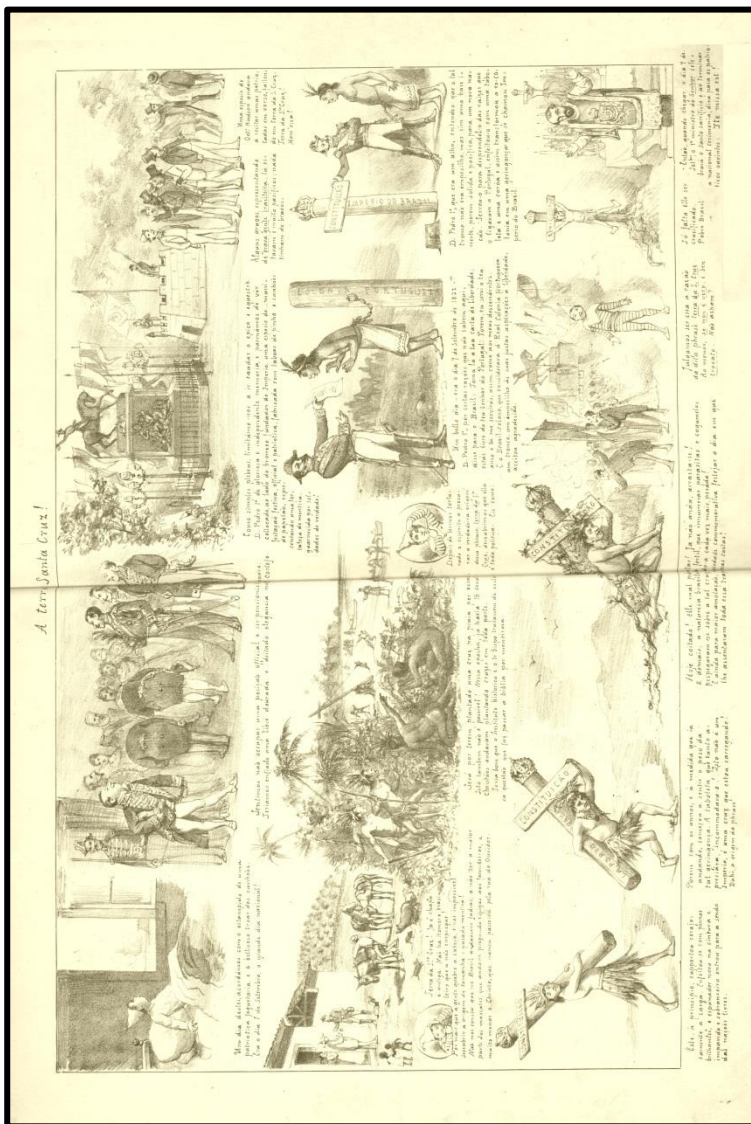
As constantes procrastinações e a lerdeza administrativa que a revista observava nas atitudes governamentais eram denunciadas por meio de monumento em que apareciam os homens públicos associados a animais que traziam consigo a representação da lentidão. Assim, D. Pedro II surgia de luneta em punho, mais preocupado com os temas astronômicos do que os de Estado, montando uma lesma, que simbolizava a constituição brasileira, em alusão aos poucos avanços das reformas constitucionais. Enquanto no brasão imperial amparavam-se bichos-preguiça sonolentos, dois ministros dormiam sentados no casco de uma tartaruga. Na base do monumento a inscrição ficava de acordo com o espírito geral da caricatura: “Aqui repousa o progresso político e social

do Império. Povo, orai por ele!”. Diante desse funesto quadro, a publicação arrematava: “O estado moral do nosso país pede quanto antes a execução desse monumento, cujo projeto apresentamos”. Já em outra edição, a folha mostrava o cotidiano de mais uma série de comemorações do “grande dia nacional”, com “uma patriótica foguetaria e o belicoso troar dos canhões”, além de cortejos e saudações ao “épico e equestre D. Pedro I, de gloriosa e independente memória”, com a presença de representantes da “brava gente brasileira”, alguns deles a recitar “umas patriotadas em verso”. Daí em diante o periódico passava a fazer jocosa referência à formação histórica do país, passando pela colônia e concentrando-se na “concessão” da independência de parte do primeiro imperador para o Brasil/índio, mas com a imposição de uma constituição que acabaria por tornar-se uma verdadeira e pesada cruz a ser carregada pelo indígena, em alusão a uma das denominações originais da terra brasileira (REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 2 set. 1882 e 15 set. 1883).



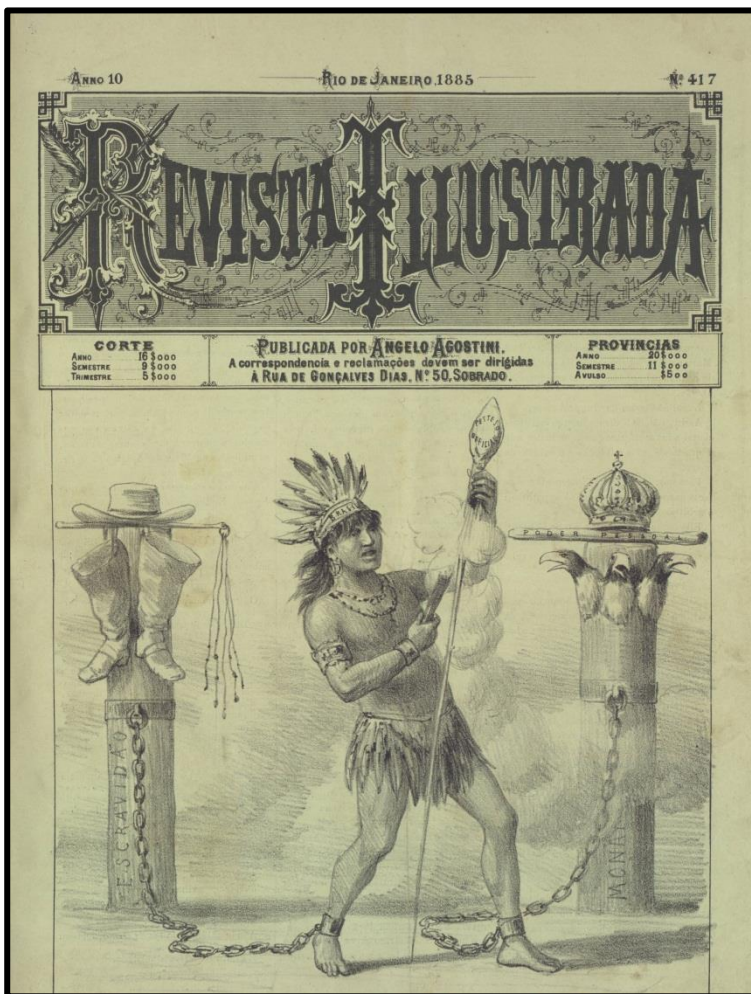
O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL





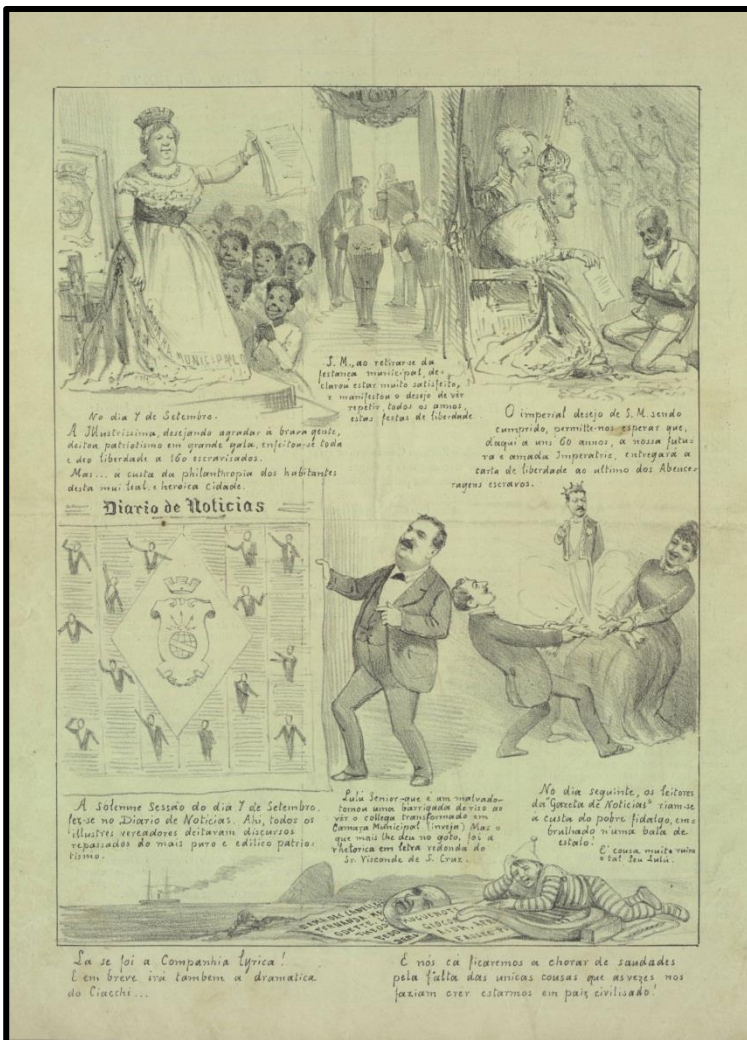
A *Revista Ilustrada* apresentou uma outra vez a imagem do Brasil/índio que acendia um foguete identificado com o “festejo oficial” para comemorar a data da emancipação nacional. No entanto, eram demonstradas as limitações de tal liberdade, uma vez que o indígena encontrava-se agrilhado a dois troncos, um representando as oligarquias latifundiárias e escravistas e o outro, o poder pessoal monárquico, diante do que o periódico questionava os motivos de comemorações para aquele dia. Na mesma ocasião, em um conjunto caricatural, a publicação desdenhava das ações comemorativas, como o fato da Câmara Municipal ter libertado escravos utilizando-se de verbas públicas e os atos do governo imperial que pretendiam prorrogar a escravidão ainda por décadas, além de tratar jocosamente das notícias divulgadas junto à imprensa e lamentar a partida de companhias de espetáculos. Os elementos constitutivos do monumento em homenagem a D. Pedro I ganhariam vida em mais uma oportunidade, uma vez que, “vendo a indiferença da brava gente moderna para o grande dia da independência, os índios do pedestal festejaram eles mesmos, soltando os vivas de estilo”, diante disso, o próprio homenageado “houve por bem agradecer a manifestação”. A extinção da escravatura no Brasil foi motivo de júbilo por parte da folha caricata da Corte, tanto que, no primeiro 7 de Setembro após a abolição, era mostrado o índio/Brasil em posição de destaque junto ao monumento estatutário em questão, sustentando a inscrição “livre”, desenho acompanhado pela legenda: “Pela primeira vez o Brasil festeja esta data com entusiasmo, convicto de que – ‘Já raiou a liberdade’”

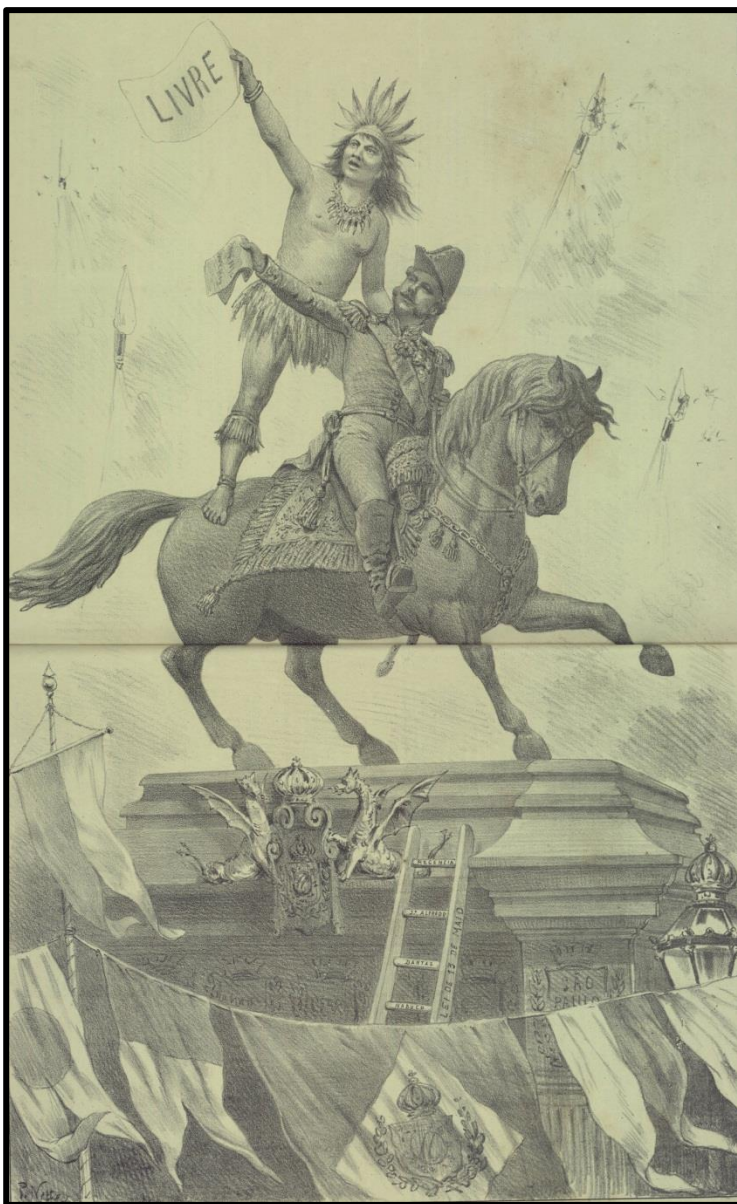
(REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 12 set. 1885; 21 set. 1886; e 8 set. 1888).





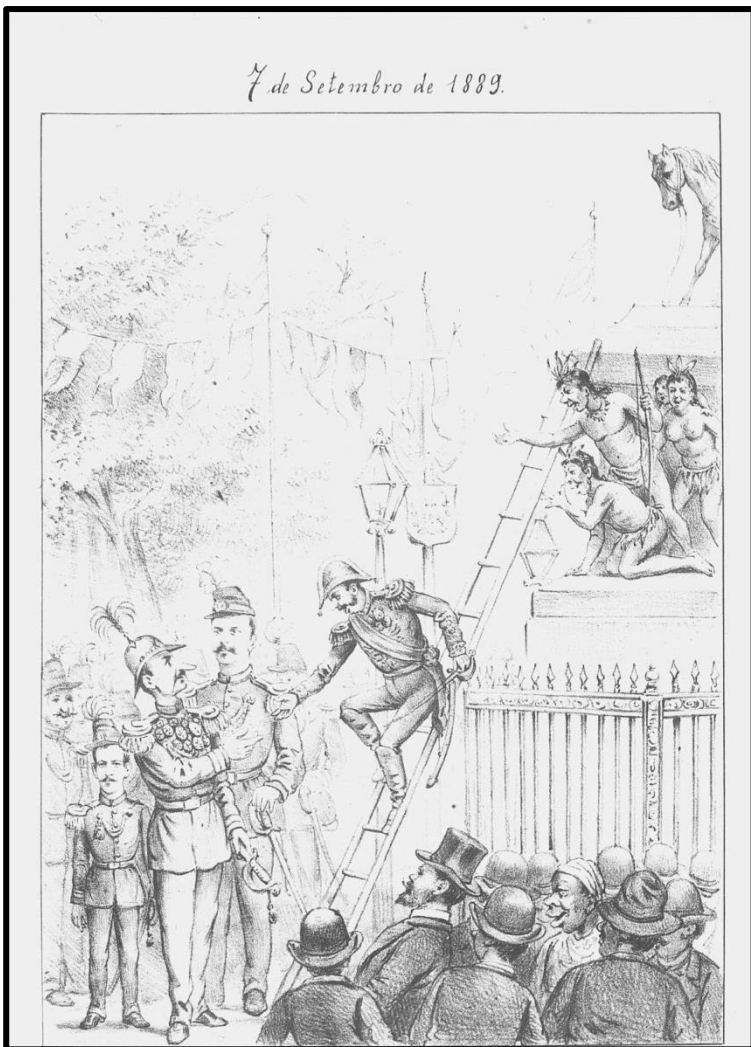
# O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL





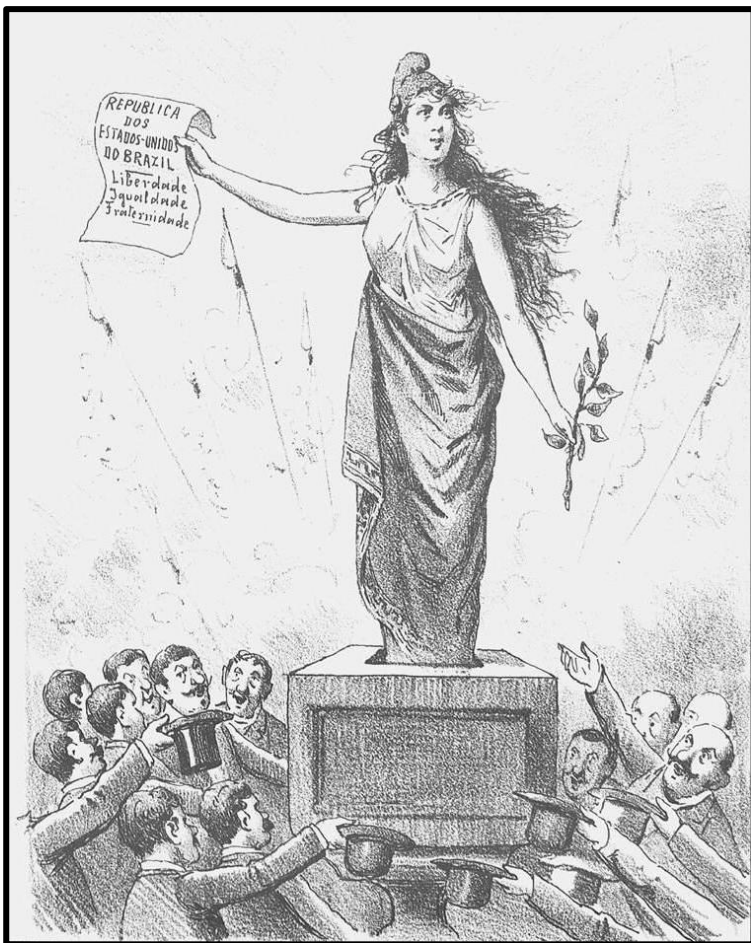
Na última data alusiva à independência nacional da época imperial, a *Revista Ilustrada* não deixava de lado sua inspiração joco-séria, ao apresentar Pedro I apeado do cavalo, a descer do monumento por uma escada, enquanto perguntava como estava a situação do país, questão recebida com reticência por parte dos presentes. Após a proclamação da República, a revista ilustrada carioca confirmaria suas convicções antimonárquicas e passaria a dar apoio incontestável ao novo regime. O 7 de Setembro progressivamente passaria a perder espaço nas edições da publicação, mas no primeiro número alusivo a tal data posterior à instauração da novel forma de governo, o periódico trouxe a imagem da deusa-republicana, vestida à romana e com o barrete frígio à cabeça, sendo ovacionada pelos presentes, além de contar com foguetório comemorativo. A figura feminina trazia à mão os ideais da república que era idealizada pela *Revista*, ou seja, sob a inspiração de “liberdade, igualdade e fraternidade”, estampando assim aquilo que considerava como “a própria imagem da pátria republicana” (REVISTA ILUSTRADA. Rio de Janeiro, 7 set. 1889 e 6 set. 1890).

7 de Setembro de 1889.





O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



Assim, como epicentro cultural do Brasil ao longo do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro, na condição de sede da Corte Imperial e, depois, de capital republicana, ditou moda em vários elementos constitutivos da formação sociocultural brasileira nas

suas mais longínquas regiões. Em termos de imprensa tal processo viria a se repetir, inclusive quanto ao gênero dos periódicos ilustrados e humorísticos com seu norte editorial crítico e opinativo. As tiradas engraçadas, o olhar moralizador a respeito das mazelas que atingiam o país, ou até mesmo certo fervor patriótico, foram alguns dos condicionantes que o jornalismo carioca dedicado à caricatura apresentou ao tratar da data alusiva ao 7 de Setembro. Tal olhar predominantemente crítico teve como tônica fundamental o questionamento quanto aos reais limites da independência que até então fora teria sido conquistada pelo Brasil.

## O 7 de Setembro e a imprensa caricata sul-rio-grandense

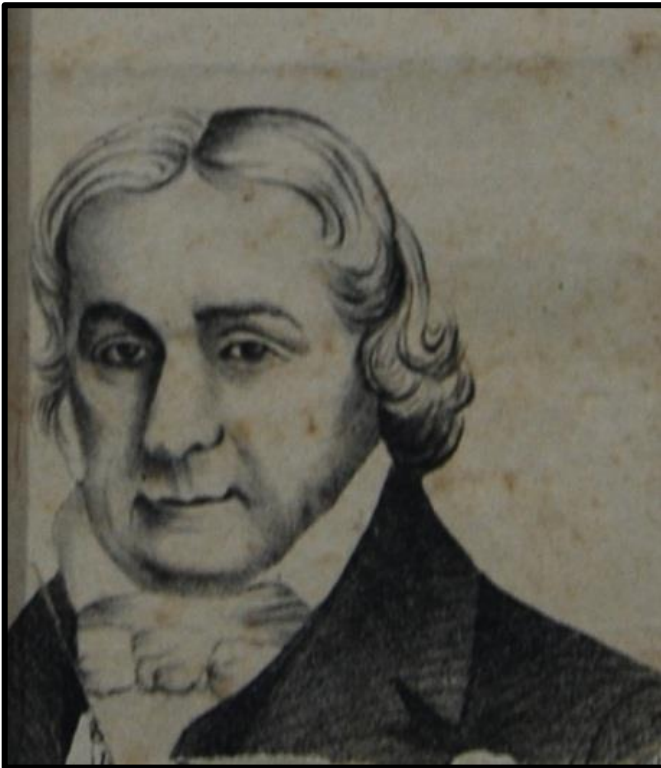
O jornalismo voltado à divulgação da arte caricatural, com sua base editorial destinada ao humor, espalhou-se por diversas localidades brasileiras. Dentre elas estiveram algumas das comunidades sul-rio-grandenses nas quais circularam folhas ilustradas e humorísticas. Tais periódicos foram editados na cidade de Porto Alegre, a capital provincial/estadual, com todos os benefícios trazidos por constituir a sede administrativa; a de Pelotas, com sua economia embasada nas atividades charqueadoras; e a do Rio Grande, único porto marítimo gaúcho, cujo desenvolvimento deu-se a partir das atividades mercantis<sup>7</sup>. Na imprensa caricata gaúcha também houve várias repercussões acerca da data nacional dedicada à proclamação da independência.

Dentre essas folhas ilustradas esteve *O Diabrete* que, em uma de suas homenagens ao 7 de Setembro, dedicou sua primeira página para celebrar o denominado patriarca da independência, apresentando a efígie de José Bonifácio. Segundo o periódico, aquele era um “dia solene e cheio de vitória”, estando Bonifácio entre os “campeões da liberdade”, sendo considerado

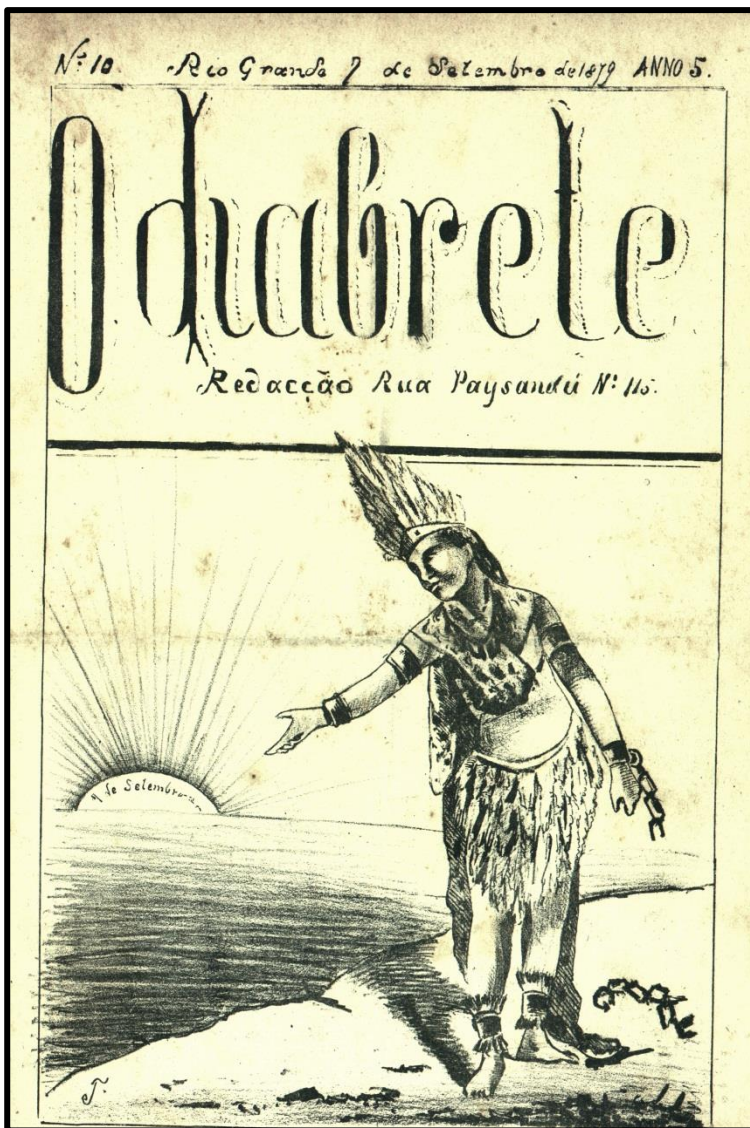
---

<sup>7</sup> A respeito da imprensa ilustrada e humorística sul-rio-grandense ver: FERREIRA, Athos Damasceno. *Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX*. Porto Alegre: Globo, 1962.

como o “gigante da palavra”, e também um “vulto colossal” e o “arauto da verdade”. Em outra oportunidade, seguindo a inspiração da caricatura do centro do país, a publicação rio-grandina trouxe a figura do indígena, libertando-se dos grilhões que o prendiam e apontando para o sol nascente que indicava o 7 de Setembro e a legenda se referia a uma fala do índio/Brasil, o qual estaria a dizer: “Salve o dia da minha redenção” (O DIABRETE. Rio Grande, 8 set. 1878 e 7 set. 1879).



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



A data da independência nacional serviria também de inspiração para que o hebdomadário pelotense *O Cabrion* promovesse seu ideário antimonárquico, ao apresentar uma figura feminina de barrete frígio que incorporava em si os ideais libertários e o republicanismo, estando a anunciar mudanças próximas na situação nacional. A resistência do status quo reinante era simbolizada pela férula, no sentido da repressão, pela espada, designando a força militar, o terço e os símbolos clericais, em alusão ao apoio da Igreja, todos eles irmanados com a coroa, em referência ao poder monárquico. Ainda que colocados atrás dessa verdadeira barricada situacionista, os políticos se mostravam ameaçados pela transformação vaticinada. A legenda era exortativa: “Povo? Lembra-te do grande dia!... E parte de uma vez os teus grilhões”. Outra comemoração do 7 de Setembro serviria mais uma vez para mostrar a dama-liberdade-república, de barrete frígio, a espada e o pavilhão nacional às mãos, pronta a combater os inimigos que defendiam a situação reinante, apresentados como pássaros que voavam pelo horizonte (CABRION. Pelotas, 7 set. 1879 e 5 set. 1880, suplemento).

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



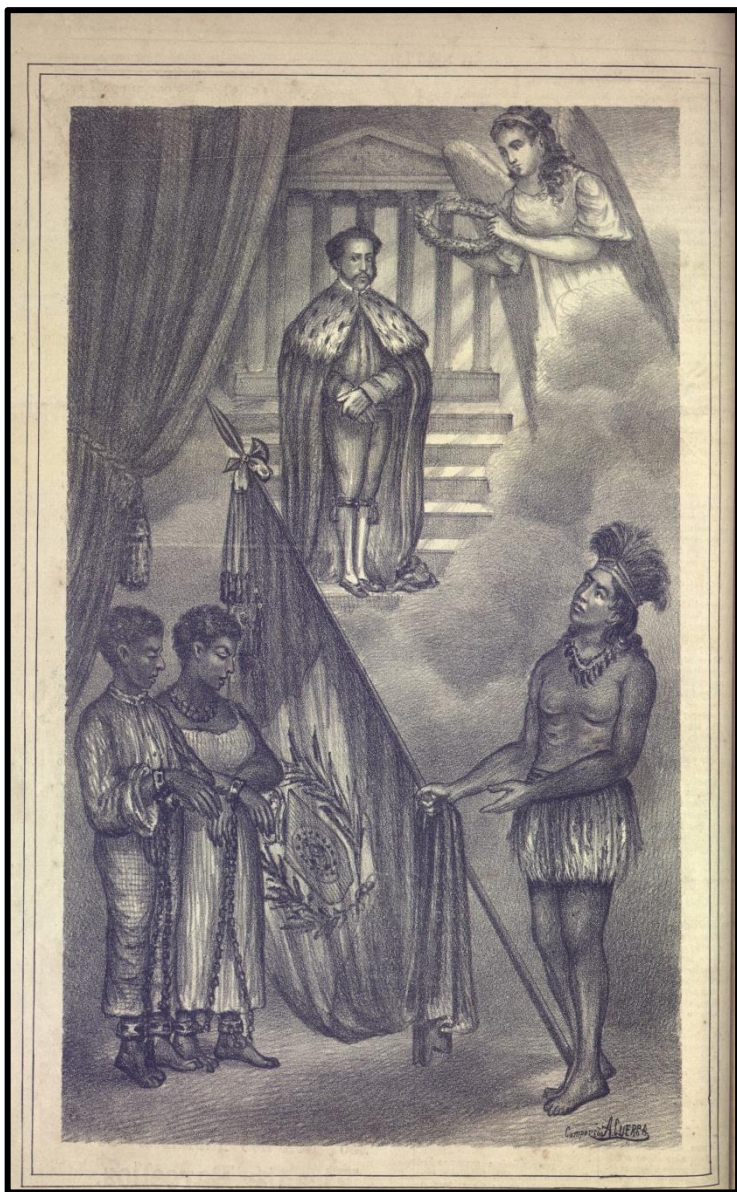




O ilustrado porto-alegrense *O Século* também destinou sua arte em homenagens ao 7 de Setembro. Em



uma delas, prevalecia o tom de celebração associado ao espírito crítico em relação à continuidade da escravidão, considerada como uma chaga para a sociedade brasileira. Nesse sentido, enquanto D. Pedro I recebia uma coroa de louros da deusa-liberdade, o índio/Brasil, com a bandeira nacional à mão, apontava para dois escravos acorrentados e afirmava: “Rei sábio e magnânimo: há 59 anos que me redimiste, no entanto, ainda hoje não posso erguer bem alto este glorioso estandarte”, pois “sou o ludíbrio das nações civilizadas que me apontam incessantemente com o ferrete da ignomínia para aquele quadro desolador”. Em outra edição, *O Século* limitava-se a mostrar as danças e contratempos do “Baile de 7 de Setembro”. D. Pedro I era o homenageado na “página de honra” de outro número do hebdomadário, com o seu retrato estampado e a referência ao “ilustre e sábio príncipe, de saudosa memória”. Com a efígie do “fundador do Império”, o periódico dizia cumprir um “grato dever” oriundo do “patriotismo”, ao recordar “a gloriosa data de 7 de setembro de 1822”. Tendo em vista os avanços abolicionistas no ano de 1884, no 7 de Setembro deste ano, *O Século* associou a perspectiva da emancipação dos escravos com a de libertação nacional, ao mostrar a deusa-liberdade que “se ostenta hoje ovante em nosso solo” (*O SÉCULO*. Porto Alegre, 4 set. 1881; 11 set. 1881; 5 set. 1882; e 7 set. 1884).



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL







O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



Um dos mais importantes representantes da caricatura rio-grandense-do-sul foi o *Bisturi*, que circulou na cidade do Rio Grande, uma das mais destacadas na conjuntura gaúcha da época no que tange às lides jornalísticas, o qual não deixou de também percorrer os caminhos nas representações acerca da data da independência. O *Bisturi* foi um jornal caricato rio-grandino que orientou seu discurso político em direção a um engajamento partidário direto e sistemático. Mantendo a tradição das publicações caricatas, era um hebdomadário que se apresentava como uma folha satírica e humorística, destinada a publicar caricaturas, alegorias e outros desenhos da atualidade, poesias e artigos cômicos, sátiras e críticas à política, artes e literatura, além de outros assuntos de ocasião e retratos de personagens célebres.

Ainda que também levasse a suas páginas a crítica social e a de costumes, de acordo com a sua proposta de moralizar a sociedade e corrigir os vícios sociais, foi na abordagem política que o *Bisturi* concentrou o seu conteúdo e direcionou o seu âmagio editorial. O periódico não se limitou a notificar e emitir opiniões apenas sobre os assuntos locais, enfocando também as questões mais complexas da situação política regional, nacional e internacional. Com posturas políticas bem demarcadas, o semanário transmitiu, através de seus textos e desenhos, um universo de reações para com o processo de transição da Monarquia à República. O periódico adotou uma posição político-partidária bem definida de aproximação com as práticas e o pensamento do partido liberal, mais especificamente ao liberalismo liderado por Gaspar Silveira Martins,

mantendo-se firme nessa convicção ao longo de sua existência.

Desse modo, ao longo de mais de cinco anos, o *Bisturi* dedicou suas páginas ao debate partidário e político, defendendo as ideias e práticas dos liberais gasparistas. Como folha oposicionista, atacou o gabinete conservador em seus últimos tempos de existência e, como publicação situacionista, buscou dar apoio ao governo liberal, durante o derradeiro ministério imperial. Com a mudança na forma de governo, ainda nos primeiros meses, o jornal dedicou-se a abraçar a causa republicana, porém logo viria a decepção para com o autoritarismo dos novos governantes e o semanário romperia com eles, colocando-se na oposição, em luta por uma idealizada “verdadeira república”. Nesse sentido, assumia a missão de combater os governos “tirânicos”, “ditatoriais” e/ou “despóticos”, como se referia às práticas governativas de Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto, no âmbito federal, e Júlio de Castilhos, no contexto estadual.

Anticastilhista ferrenho, o hebdomadário rio-grandino sustentou tal posição até quando lhe foi possível, assumindo uma postura não só oposicionista, mas também de resistência ao castilhismo e em defesa da oposição federalista e da revolução por ela promovida. Mesmo tendo de silenciar seus pronunciamentos políticos, já nos estertores de sua existência como folha de circulação regular, o periódico manteve uma coerência discursiva quanto a suas convicções político-partidárias. Com a coerção, cerceamento e vigilância constante e a retirada de sua seiva editorial, a sobrevivência do semanário em edições regulares, não seria longa, permanecendo até o final de 1893, embora

viesses ainda a aparecer, de forma extremamente irregular, esporádica e escassa até os primórdios do século XX<sup>8</sup>. Ao longo do lustro de sua regularidade editorial e de circulação, o *hebdomadário caricato rio-grandino* fez, ano a ano, direta ou indiretamente, alguma alusão ao 7 de Setembro. Como publicação semanal e não diária, muitas vezes ocorria uma defasagem ou até uma antecipação em relação a tal data, mas invariavelmente, a referência era recorrente.

No seu primeiro ano de edição, 1888, o *Bisturi* não deixou de lado o seu espírito crítico e o norte editorial opinativo, sustentando uma das estratégias discursivas da caricatura calcada na sutileza, a qual marcou presença então na ilustração do periódico. Na edição próxima ao dia da emancipação nacional, aparecia uma dama vestida com estilo, classe e de acordo com os padrões da moda de então. Apesar do figurino, a mulher que representava a política remexia com sua sombrinha no lixo, no qual eram identificadas as mentiras, as calúnias, as patotas, as intrigas e as infâmias. Com ironia e argúcia, o periódico acabava por demonstrar a sua visão extremamente negativa sobre a vida política nacional naquele momento, simbolizando-a

---

<sup>8</sup> Sobre o *Bisturi* ver: ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999 p. 219-243.; e ALVES, Francisco das Neves. *O discurso político-partidário sul-rio-grandense sob o prisma da imprensa rio-grandina (1868-1895)*. Rio Grande: Editora da FURG, 2002. p. 407-465. Texto adaptado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. O 7 de Setembro nas páginas de um *hebdomadário caricato* (1888-1893). In: ALVES, Francisco das Neves (org.). *Memória, mídia e sociedade no Rio Grande do Sul: estudos históricos*. Rio Grande: FURG, 2011. p. 75-92.



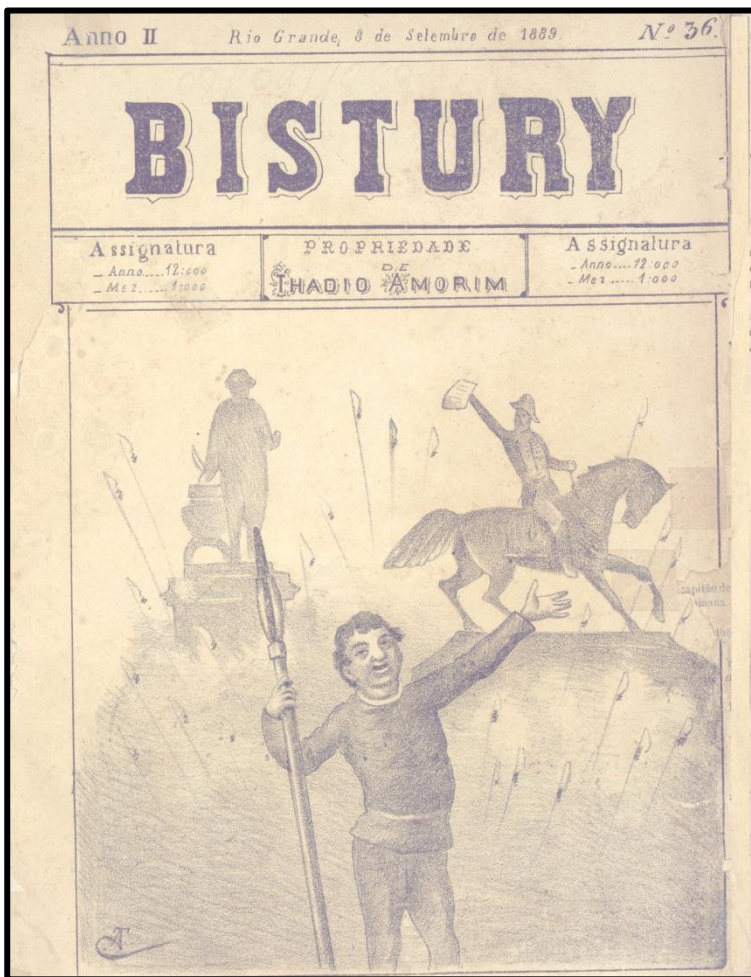
O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

como uma dama que, apesar da boa aparência, envolvia-se com questões extremamente perniciosas. A legenda era sutil: “Vira e revira...”, sintetizando a manifestação de um olhar crítico para com as práticas políticas no país (BISTURI. Rio Grande, 10 set. 1888).

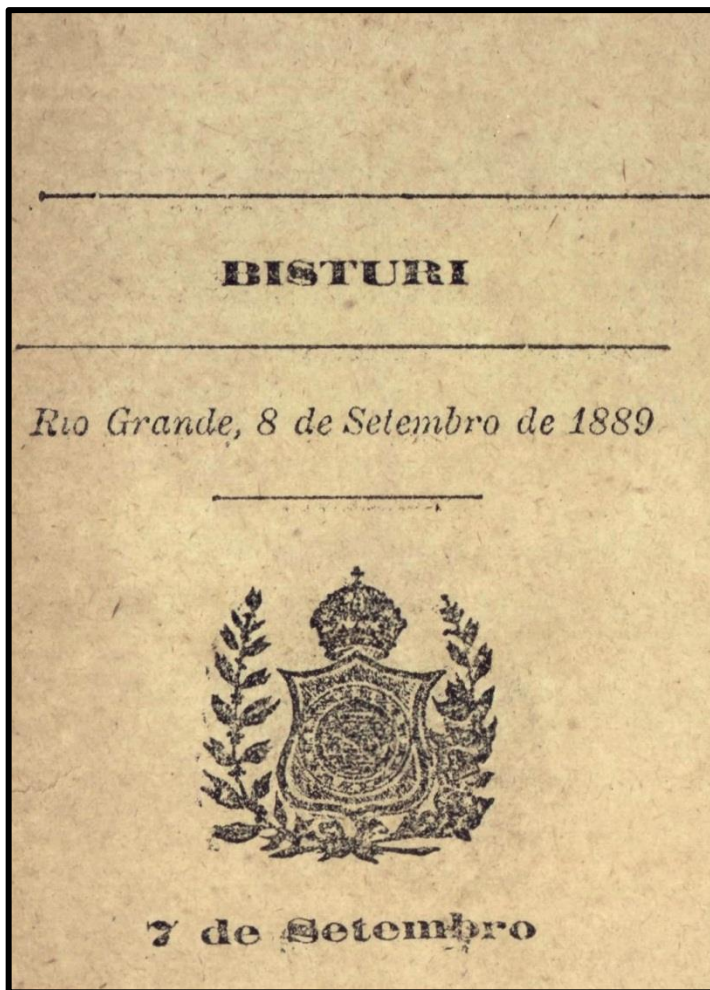


Já em setembro de 1889, a tônica discursiva do jornal, ao demarcar o dia indicativo da independência, se dava em relação à abolição da escravatura. O entusiasmo da folha era tal que a data cívica transformou-se em mote de homenagem à nacionalidade, alocando na primeira página uma alegoria na qual, com foguetório, o bobo da corte – símbolo da caricatura – prestava reverência aos monumentos dos “fundadores da pátria”, afirmando: “7 de Setembro. Um brado aos patriarcas da independência”, expressão que acompanhava a reprodução dos monumentos a D. Pedro I e a José Bonifácio. No mesmo número aparecia também a estampa do escudo imperial, e era demonstrada a ampla satisfação do periódico com a extinção da escravatura, destacando que “felizmente, no grande e glorioso livro da história da humanidade brasileira” já não era mais encontrada “a página denegrida” que tanto desonrava os brasileiros, “onde se lia a palavra infamante da escravidão” (BISTURI. Rio Grande, 8 set. 1889).

Segundo o periódico, tal palavra cobria a todos “de opróbrio e oprimia magoadamente o coração, fazendo curvar a fronte envergonhada ante o mundo civilizado”. Nessa linha, exclamava a publicação que naquele dia, “mais do que nunca”, sentia-se orgulho e se fortificava nos “peitos o amor pela pátria”, ao ouvir-se “os cânticos festivos da turba entusiasmada” que transmitia “com todo o viço da expressão clássica a palavra mágica da independência” nacional. Considerava finalmente que, “ao despontar a aurora” daquele “majestoso” dia, os brasileiros descobriam-se “religiosamente” para bradar “com íntima satisfação: Salve 7 de Setembro! Viva a nação brasileira!” (BISTURI. Rio Grande, 8 set. 1889).



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



Já na primeira manifestação acerca da data da independência nacional posterior à proclamação da República, o *Bisturi* abordou a data cívica nacional de

maneira indireta. Na época, o jornal mantinha uma visão ainda razoavelmente positiva quanto à mudança na forma de governo brasileira, entretanto, apesar de esperançoso, começava a abrir os olhos para o crescente autoritarismo governamental que começava a recrudescer. A crise que agitaria o país estava em gestação, ainda mais em terras gaúchas e, diante de tal quadro, a folha procurava tratar de uma questão interna à própria publicação, ligada à sua distribuição, ainda que fizesse uma breve referência ao 7 de Setembro.

Nesse dia foi publicada uma caricatura na qual o bobo da corte, representando o redator do periódico, explicava-se diante de seu público pelo atraso na edição, afirmando: “Peço a palavra. Ilustres e benévolos favorecedores”; vindo a destacar que “o pessoal cá de casa fez greve nos dias 7 e 8 a pretexto de que queriam solenizar a data memorativa da independência do Brasil”, de modo que teriam sido “estes os poderosos motivos, que nos obrigaram a retardar a entrega de nossa folha, pelo que, humildes e respeitosos, pedimos desculpa aos nossos generosos, condescendentes, ilustrados, cavalheiros e benevolentes assinantes”. No desenho, outros bobos da corte preparavam os festejos, mas um gato preto, assustadiço com o foguetório, também poderia simbolizar as dificuldades que se avizinhavam, de modo que, perante tal quadro, naquele momento, o semanário ainda preferia manter-se em silêncio (BISTURI. Rio Grande, 7 set. 1890).



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL



Tal silenciamento de parte do hebdomadário não duraria muito tempo e, já no ano seguinte, por ocasião do 7 de Setembro de 1891, ele apresentaria uma versão bem mais crítica para os acontecimentos. Na primeira página, o jornal mostrava uma cena na qual, enquanto o bobo da corte preparava os ornamentos para a festa, o país, simbolizando por uma figura híbrida, com feições brancas, mas em trajes indígenas – a partir da lembrança de que, durante a Monarquia, a mais notória representação do povo brasileiro fora feita através do índio – que, orientado por um dos principais homens públicos do governo da época, estendia a mão a mendigar, afirmando: “Uma esmola, pelo amor de Deus, para festejar o aniversário da minha independência”. Na mesma edição, o periódico, por meio de frases cifradas e críticas subliminares, defendia que tudo o que o povo – considerado como o verdadeiro detentor da soberania nacional – queria era um “dia de sol”<sup>9</sup>, em uma evidente

---

<sup>9</sup> Esses são alguns trechos do texto: Amanhã deve o mundo oficial acender *luminárias* em honra ao glorioso aniversário da independência do Brasil. A pátria brasileira lembra-se saudosa de José Bonifácio e outros bravos fatores da independência, que hoje dorme o sono plácido dos heróis desta jornada. Hoje é justo que tenhamos um dia de rosas, um dia de sol. Aos poderes públicos fazemos responsáveis da chuva deste dia. Sim! Para que serve o Observatório, para que servem os nossos sábios? Para que servem os nossos governos? Para deixar chover no dia 7 de Setembro! Sim, hoje queremos sol... o governo, ponha-nos para aqui sol! O governo representa a soberania nacional e a soberania nacional é o povo! Não venham os defensores do governo dizer-nos que a chuva é preciso para as batatas... E para os feijões. E para as cebolas. E para os tomates... Mas o povo, em dia 7 de Setembro, não quer



O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

alusão à “escuridão” que, segundo a folha, simbolicamente, cada vez mais tomava conta da vida política nacional e que em seguida acabaria por culminar no fechamento do congresso nacional por parte do presidente da República, ato que despertaria ferrenha oposição de parte da publicação semanal rio-grandina (BISTURI. Rio Grande, 6 set. 1891).

---

saber de batatas... Nem de cebolas. Nem de tomates... Dá tudo isto por uma réstia de sol. Com o povo não se brinca... nem tão pouco com a independência do Brasil. E temos dito.



O teor crítico nas manifestações do *Bisturi* ficaria ainda mais contundente no ano seguinte, no qual a crise revolucionária era iminente e o periódico já tomara partido, favorável aos oposicionistas pelas suas tradicionais filiações e por não aceitar o autoritarismo

governamental, tanto no contexto federal quanto no estadual. O discurso emitido pela folha a 11 de setembro de 1892, sob a epígrafe que lembrava o dia da independência nacional, era pungente e incisivo nas críticas à situação vivida pelo país. Nesse sentido, afirmava que “em outros tempos”, aquela “data memorável enchia o coração do povo brasileiro das mais santas e justas alegrias”, mas que, naquele momento, era atravessada “empapando-o de crepes e goivos”, uma vez que “a alma nacional” recebera “o dia 7 de Setembro com a maior frieza, com a solenidade pungentíssima de um dia de finados”, enfatizando que essa atitude fúnebre tinha razão de ser (BISTURI. Rio Grande, 11 set. 1892).

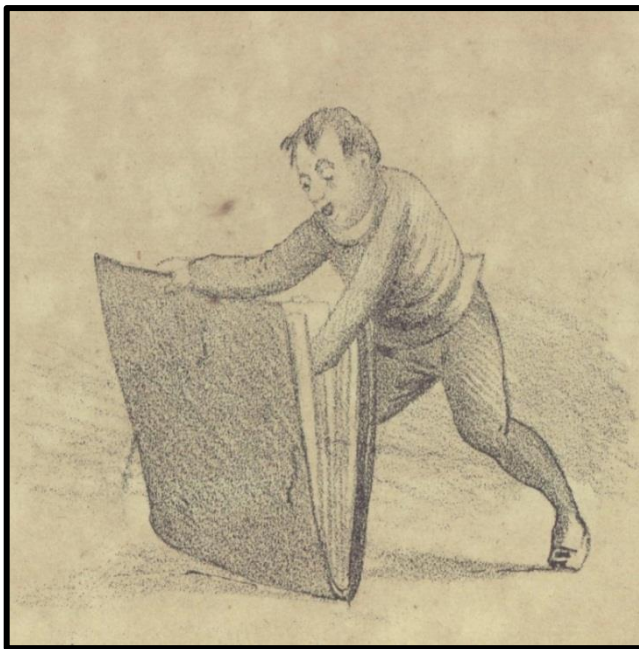
Em vista de tal exclamação, o periódico ressaltava suas apreensões manifestas diante daquela data cívica, pois o país estaria atravessando “uma quadra de pavor e consternação, em que todos” temiam “pela própria existência”. Chamava atenção para a violência desenfreada e afirmava que não seria “possível “haver alegria” onde prevalecia “o luto e o desespero”. De acordo com a folha, naquela “galeria de quadros, que a história política” registrava, “nunca” os brasileiros haviam se deparado “com cenas tão nefandas e revoltantes” como as que diariamente eram presenciadas, com a ocorrência de “roubos, assassinatos e outros atentados que, pela horribilidade de sua natureza”, traziam entre todos “o espírito revoltado e apavorado”. Declarava ainda que, “nunca este infeliz Brasil” passara pelo que estava passando, “nunca seus filhos sofreram” aquilo que estavam sofrendo e “nunca tão vivamente se desenhara em seus rostos o despeito, a desesperação e a raiva”, de modo que não havia

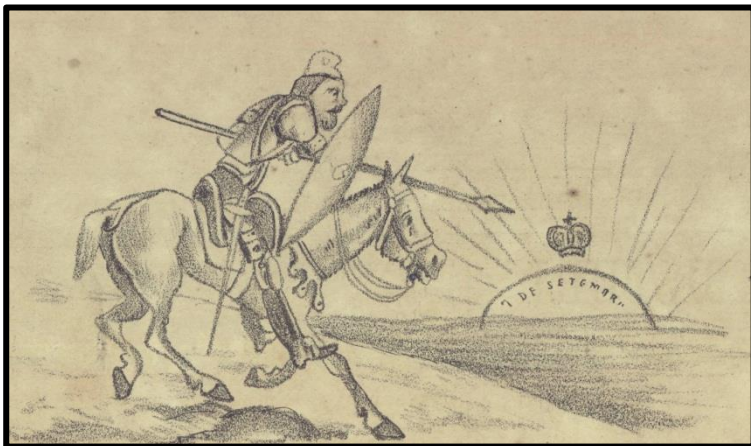
“palavra humana” que pudesse exprimir o que ia “de sofrimento pelo coração do povo”. Apontava também para o que se passava “no interior da campanha gaúcha, no lar modesto dos pobres camponeses”, com acontecimentos que não poderiam ser descritos, por meio da incidência de “roubos, incêndios, saques e desonras”, diante do que “os cabelos se eriçavam, a palavra morria nos lábios, o suor do gelo alagava os membros” ao lembrar-se “destas cenas de canibalismo que se vinham praticando em nome da *legalidade*”, em direta referência aos seguidores de Júlio de Castilhos. E concluía confirmando sua premissa inicial, reiterando o motivo pelo qual, no dia 7 de Setembro, “a alma nacional” cobrira-se “de crepe” (BISTURI. Rio Grande, 11 set. 1892).

No mesmo número, o semanário publicava um conjunto de caricaturas no qual também ficava expressa sua insatisfação com a situação nacional e estadual. Junto à linguagem textual mais contundente, nos desenhos o periódico também lançava mão da ironia. Na primeira figura, o bobo da corte revirava seus papéis e dizia “*Chi!* quanto assunto!... quanto assunto dentro da pasta!...”, em uma alusão ao fato de que, apesar da abundância de notícias, a imprensa cada vez mais era calada pelo crescente cerceamento à liberdade de expressão. Os enfrentamentos entre tendências republicanas e supostamente monarquistas também se faziam presentes no conjunto caricatural publicado, buscando demonstrar que os novos detentores do poder, em sua constante ânsia de apagar a memória da decaída forma de governo, não conseguiam entender os “valores nacionais” expressos no 7 de Setembro, bem como viam ameaças restauradoras em todos os cantos. O periódico

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

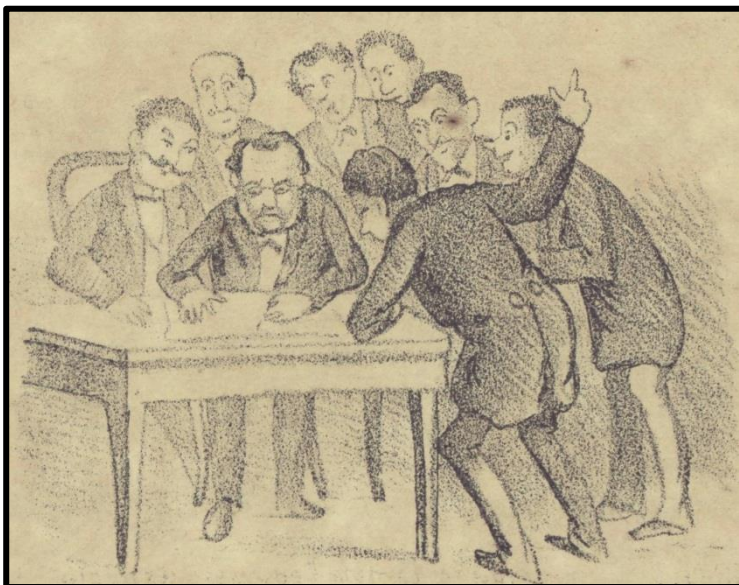
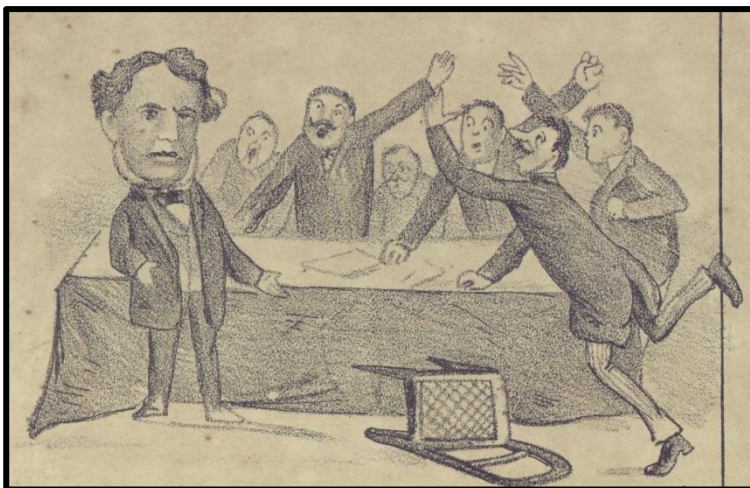
mostrava um republicano que, tal qual um quixotesco cavaleiro, de barrete frígio à cabeça, apontava sua lança para um sol coroadado, sintetizando a imagem do 7 de Setembro, ao passo que uma jovem deusa-república – a figura feminina que designava a nova forma de governo – via-se aflita pelas plantas representativas de monarquistas que estariam a cercá-la, dificultando sua caminhada. Servia de legenda: “Olhem os republicanos como estão intrigados com o dia 7 de Setembro!... com o santo dia da nossa independência...”; e complementava: “Pobrezinha, vê os adeptos da Monarquia crescerem e multiplicarem-se por tal modo que estremece de medo” (BISTURI. Rio Grande, 11 set. 1892).





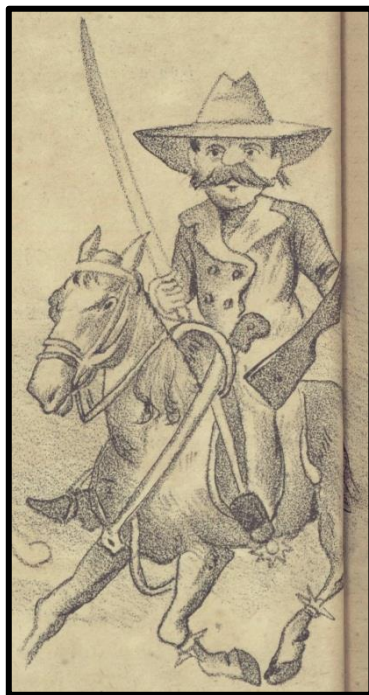
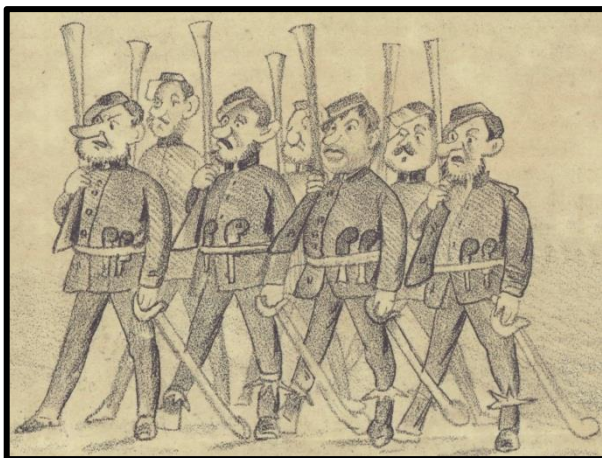
Diante da crise, o *Bisturi* mostrava as autoridades públicas confabulando no sentido de dar cabo a possíveis focos de oposição aos governantes. De tal reunião surgiria a ideia de montar-se um grupo com funções militar-repressivas: “Pois bem, pois bem, eu tenho a faca e o queijo na mão, crio um corpo policial com o cobre do município, e... ordens enérgicas de dar cabo de quanto patife por aí andar a sonhar com a Monarquia. Muito bem!... apoiado!...”. Diante dessa atitude, o periódico intentava demonstrar que tal contingente despertava mais temor do que sensação de segurança de parte da população, apresentando sujeitos mal-encarados que perseguiram tudo e todos, inclusive o bobo da corte que fugia para a redação, enquanto o povo corria para suas residências e limitava-se a espiar por frestas de portas e janelas: “E o Corpo apareceu no dia 7... numa perspectiva espantosa! de espada, carabina e duas pistolas!... comandado por um *valiente*. Andavam feito caçadores de perdizes, farejando por todos os cantos da cidade, uma presa qualquer... A cidade tomou logo um aspecto sombrio e pavoroso... Os bons chefes de família tratavam de se recolher às suas casas” (BISTURI. Rio Grande, 11 set. 1892).







O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

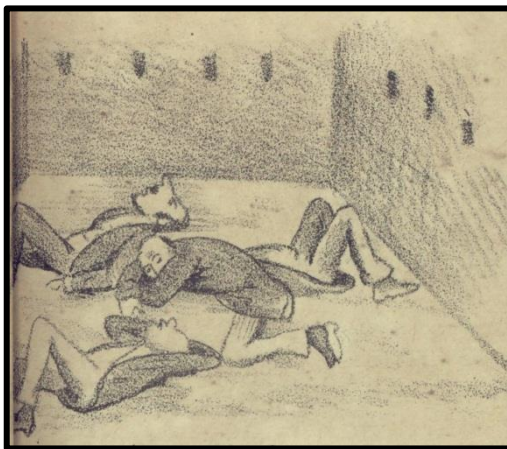




O conjunto de caricaturas enfatizava a violência de parte dos governantes expressa através de suas forças policiais, em um quadro de agressões, prisões e repressão em geral, o que estaria a originar uma série de manifestações contrárias a tal estado de coisas: “Um infeliz sargento do exército caiu nas mãos dos *valientes* que o deixaram lavado em sangue. As prisões ficaram repletas. Um menino teve o *arrojo* de apresentar-se na praça municipal, com uma pequena coroa imperial na gravata, pagando caro o seu atrevimento. Os

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

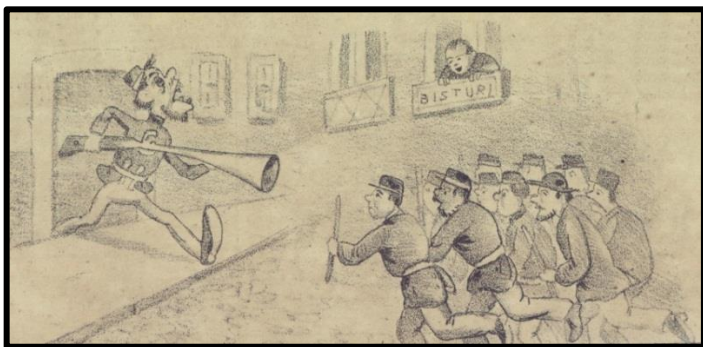
comentários e a indignação ferviam – O que é isto?! Estamos na Calábria, em algum país de selvagens? – Não, estamos na República dos Estados Unidos!!!”. Ficava reproduzido na manifestação da folha o seu apoio à resistência do povo diante do arbítrio governamental (BISTURI. Rio Grande, 11 set. 1892).







Nesse sentido, o apelo ao tradicional direito à revolução dos povos vinha à baila na construção caricatural expressa pelo *Bisturi* que desenharia a população a reagir diante daquelas drásticas medidas restritivas. A partir da reação popular, o periódico buscava demonstrar o quanto eram frágeis as forças defensoras das autoridades governativas, as quais teriam fugido espavoridas para os lugares mais recônditos e improváveis da cidade. As legendas eram: “No dia seguinte ao aparecimento dos *valientes*, alguns inferiores do exército, reunidos ao povo indignado, valentemente assaltaram o galpão onde eles se aquartelavam... Aí deu-se uma mixórdia dos seiscentos! Todos os apetrechos bélicos quebrados, mesas e tarimbas de pernas para o ar, tudo em sarilho!... Uma revolução. E os *valientes*, com uma destreza de galos, galgaram os muros, escapando à justa cólera dos assaltantes... uns levaram tanto susto que se enfiaram pelas chaminés, ficando entalados!... Que corpo de caiporas...”. Era a crença da folha caricata de que o caminho da rebelião que se anunciava, seria o único viável para combater o autoritarismo dos detentores do poder (BISTURI. Rio Grande, 11 set. 1892).

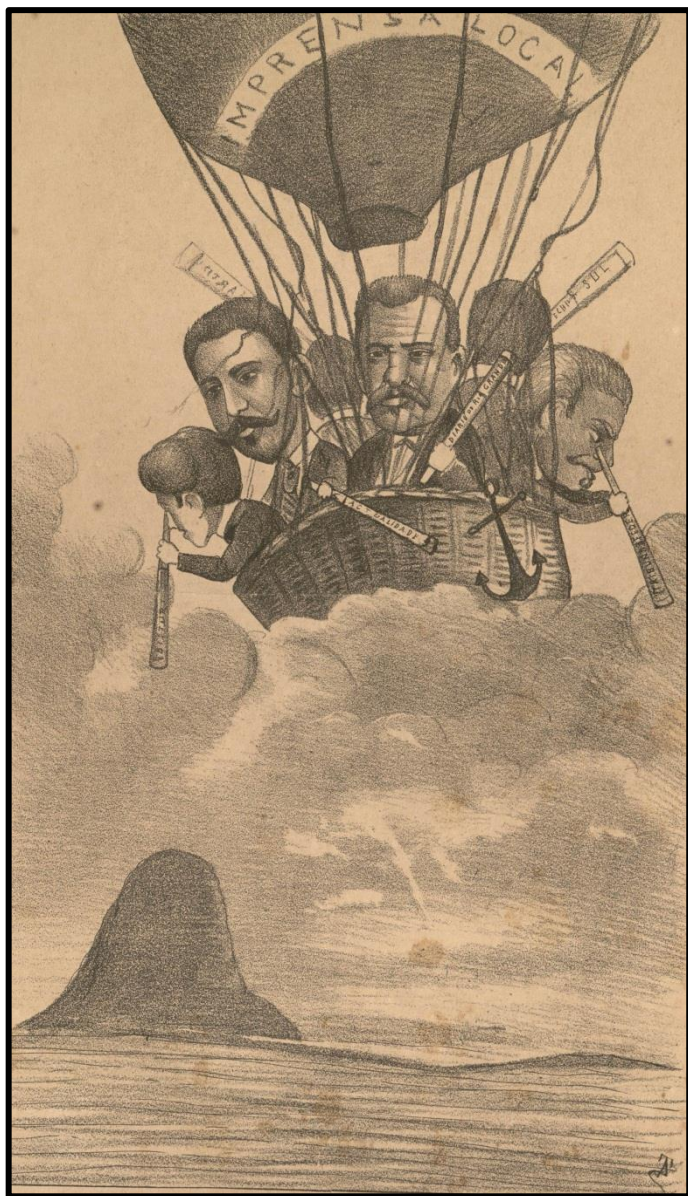




Essa conjuntura de agitação e violência só viria a se agravar ao longo do ano que se passou, com a conflagração, no Rio Grande do Sul, no início de 1893, da Revolução Federalista, crise que viria a se intensificar com o início da Revolta da Armada no Rio de Janeiro. Diante de tal contingência, as autoridades governamentais iriam incrementar ainda mais as práticas autoritárias e repressivas e a imprensa sentiria drasticamente os efeitos coercitivos. Essa situação se refletiria claramente nas páginas do *Bisturi* quando fez

O 7 DE SETEMBRO NA IMPRENSA ILUSTRADA E HUMORÍSTICA  
DO RIO DE JANEIRO E DO RIO GRANDE DO SUL

referência ao 7 de Setembro daquele ano, publicando uma caricatura na qual vários representantes do jornalismo rio-grandino, em um balão e de lunetas à mão, observavam os acontecimentos na capital federal, em clara alusão à fermentação revolucionária. Servia como legenda: “Ascensão jornalística - Os nossos colegas da imprensa andam em perigosa divagação aérea, procurando descobrir pontos negros em terras fluminenses. Quem pela sua perspicácia ganhará os louros do triunfo?”. O fato de colocar os redatores, ao longe, pairando acima dos acontecimentos, sem poder noticiá-los mais amiúde e a menção aos perigos que os mesmos corriam trazia em si a denúncia contra a vigilância e a repressão que emanavam dos governantes, levando os jornais a um silenciamento cada vez mais crescente (BISTURI. Rio Grande, 10 set. 1893).





Ainda em relação à data da independência nacional o hebdomadário trouxe considerações preñhes em críticas à conjuntura de então, demonstrando plena insatisfação com os rumos que a nova forma de governo tomava e até certo saudosismo da época monárquica, não tanto como uma perspectiva restauradora, mas sim como resistência ao autoritarismo governamental republicano. O periódico narrava que o 7 de Setembro daquele ano passara “chocho e aborrecido como um princês de terça-feira gorda de carnaval”, que levava “a roupa de duas cores borrada”, e “o porta-voz” que chamava “os soldados da alegria elevada à loucura”. A publicação opinava que “bons tempos” eram “os do Império, para festejo público e entusiástico do Sete”, mas que “a veia do patriotismo daqueles tempos” morrera “com a Monarquia baqueada”, de modo que nada mais restava “para vitoriar dignamente a data da emancipação política”. O semanário lamentava por aquilo que considerava como uma “triste e pesada verdade” perante aquela realidade brasileira caracterizada por “deposições, golpes às couraças do direito e da dignidade administrativa”. Apontava para alguns casos de mau uso da coisa pública por parte dos governantes, como ao citar um exemplo do que avaliava como um ato de malversação, acusando que o governo vendera “pedaços preciosos de terra pátria, tendo a desfaçatez de dizer no parlamento que o negócio” fora “estabelecido com honra para este pobre país, digno de uma vala”, já que se transformara em “um morto, carregado de glórias passadas” (BISTURI. Rio Grande, 10 set. 1893).

Assim, a data alusiva à emancipação política nacional teve repercussões junto à imprensa caricata sul-

rio-grandense. A exaltação patriótica predominou nas páginas de *O Diabrete* e de *O Século*, associando este último a questão da independência à da luta pela abolição da escravidão. Já o *Cabirion* apresentou uma perspectiva para aquela data cívica, com um olhar de crítica, mormente a partir de suas convicções republicanas. O *Bisturi*, por sua vez, acompanhou a data em pauta durante a transição na forma de governo do país. Dessa maneira, ao longo de sua existência como publicação de circulação regular o hebdomadário rio-grandino utilizou-se do 7 de Setembro para expressar seu norte editorial calcado na crítica de natureza política. Em 1888, a data cívica passava quase despercebida, mas a censura ao cotidiano político ficava explicitada; em 1889, o dia da independência brasileira foi efetivamente homenageado, considerando-se a pátria realmente livre, em virtude da extinção da escravatura; já em 1890, o jornal preferia um certo silêncio diante das indecisões que caracterizavam a vida nacional; em 1891, denunciava os desmandos que afligiam o país; na data nacional de 1892 passava a apontar a violência que tomava conta da nação; e, finalmente, em 1893, parecia não haver o que comemorar, desiludido que estava diante do autoritarismo governamental e da crise predominante. Como autêntico representante da imprensa caricata, o *Bisturi* sustentou uma prática jornalística essencialmente crítico-opinativa e o 7 de Setembro serviria como mote e estratégia discursiva para, enquanto pode, manter acesa a chama da discordância.



# COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE  
**AbERTA**  
[www.uab.pt](http://www.uab.pt)

**Cátedra CIPSH  
de Estudos Globais**  
2020-2025

